

• A •

# CRIANÇA ROUBADA

*Keith Donohue*

Tradução de Jorge Candeias



• C A P Í T U L O 1 •

**N**ão me chamem fada. Já não gostamos de ser assim chamados. Em tempos que já lá vão, fada era um termo genericamente aceitável para uma série de criaturas diferentes, mas hoje ganhou demasiadas associações. Etimologicamente, uma fada é algo bastante específico, relacionado com as náiades, ou ninfas de água, e embora pertençamos ao mesmo género de criatura, somos *sui generis*. A palavra inglesa *fairy*, *fada*, provém de *fay* (em francês antigo, *fee*), palavra esta que por sua vez vem do latim *Fata*, a deusa do destino. As fadas viviam em grupos chamados *faerie*, entre os domínios celeste e terreno.

Existe neste mundo uma variedade de espíritos sublunares que *carminibus coelo possunt deducere lunam*, e que foram divididos desde os tempos antigos em seis géneros: ígneos, aéreos, terrestres, aquáticos, subterrâneos, e todos os tipos de fadas e ninfas. Dos espíritos do fogo, da água e do ar não sei praticamente nada. Mas conheço bem de mais os demónios terrestres e subterrâneos, sobre cujos comportamentos, costumes e cultura existe uma variedade infinita de mitos. Conhecidos pelo mundo fora por muitos nomes diferentes — *lares*, génios, faunos, sátiros, foliotas, duendes brincalhões, maldosos ou travessos, gnomos, trasgos, *sídhe*, *pukas*, gigantes —, os poucos que restam vivem escondidos nos bosques e raramente são vistos ou encontrados por seres humanos. Se tiverem de dar-me um nome, chamem-me trasgo.

Ou melhor ainda, sou uma criança trocada — expressão que descreve em si mesma aquilo que estamos obrigados a fazer. Raptamos uma

criança humana e substituímo-la por um dos nossos. O trasgo transforma-se na criança, e a criança transforma-se num trasgo. Não é qualquer rapaz ou rapariga que serve, apenas aquelas raras almas desorientadas pelas suas jovens vidas ou sintonizadas com as aflições deste mundo. As crianças trocadas seleccionam com cuidado, pois a oportunidade só chega cerca de uma vez em cada década. Uma criança que se torne parte da nossa sociedade poderá ter de esperar um século até que chegue a sua vez no ciclo e se transforme numa criança trocada e reentre no mundo humano.

A preparação é entediante, envolvendo uma vigilância atenta da criança e da sua família e amigos. Isto deve ser feito sem se ser visto, naturalmente, e é melhor seleccionar a criança antes de ir para a escola, porque nessa altura torna-se mais complicado ter de memorizar e processar uma grande quantidade de informação para lá da família chegada, e ser capaz de mimetizar a sua personalidade e história tão bem como imitar as suas formas e feições. Os bebés são os mais fáceis, mas tomar conta deles é um problema para as crianças trocadas. Os seis ou sete anos são a melhor idade. Alguém mais velho terá decerto um mais desenvolvido sentido de si próprio. Independentemente da idade, o objectivo é levar os pais a pensar que aquela criança trocada é na verdade o seu filho. É mais fácil do que a maior parte das pessoas imagina.

Não, a dificuldade não está em assumir a história de uma criança, mas no doloroso acto físico da metamorfose propriamente dita. Primeiro, começamos pelos ossos e pele, alongando-os até que, com um estremeamento, nos fixamos quase no tamanho e forma de corpo certos. Então os outros começam a trabalhar na nossa nova cabeça e rosto, que necessitam dos talentos de um escultor. Há bastantes puxões e torções de cartilagens, como se o crânio fosse uma massa mole de barro ou caramelo, e então é a vez do malfazejo trabalho com os dentes, da remoção do cabelo e da sua tediosa recriação. Todo o processo se desenrola sem um grama de analgésico, embora alguns se embebam de um álcool insalubre feito de papa de bolota fermentada. Um empreendimento desagradável, mas que vale a pena, embora eu passasse bem sem o muito complicado rearranjo dos genitais. Quando tudo termina, é-se uma cópia exacta de uma criança. Há trinta anos, em 1949, eu era uma criança trocada que voltou a ser humana.

Troquei de vida com Henry Day, um rapaz nascido numa quinta situada às portas da vila. Numa tarde do fim do Verão, quando tinha sete anos, Henry fugiu de casa e escondeu-se num castanheiro oco. Os nossos espões seguiram-no e deram o alarme, e eu transformei-me na sua cópia perfeita. Agarrámo-lo e deslizei para dentro do buraco, a fim de trocar a minha vida pela dele. Quando o grupo que o procurava me encontrou naquela noite, os

homens ficaram aliviados, felizes e orgulhosos — e não zangados como eu esperara. “Henry”, disse-me um homem ruivo vestido de bombeiro, estava eu a fingir que dormia no esconderijo. Abri os olhos e dirigi-lhe um sorriso luminoso. O homem enrolou-me num cobertor fino e levou-me para fora do bosque, até uma estrada empedrada, onde um carro de bombeiros esperava, com a luz vermelha a pulsar como um coração. Os bombeiros levaram-me para casa dos pais de Henry, para o meu novo pai e mãe. Enquanto percorríamos a estrada naquela noite, eu só pensava que, se conseguisse passar aquele primeiro teste, o mundo voltaria a ser meu.

Um mito muito divulgado diz que, entre as aves e os animais selvagens, a mãe reconhece as suas próprias crias e recusa a um estranho a entrada na toca ou no ninho. Não é verdade. De facto, o cuco costuma depositar os ovos nos ninhos de outros pássaros, e apesar do seu tamanho extraordinário e apetite voraz, o pinto de cuco recebe tanta atenção materna como os outros pintos, ou na verdade até mais, chegando com frequência ao ponto de afastar os outros do seu lar protector. Por vezes, a mãe abandona a sua prole à fome devido às exigências incessantes do jovem cuco. A minha primeira tarefa era criar a ficção de ser o Henry Day real. Infelizmente, os seres humanos são mais desconfiados e menos tolerantes para com intrusos no ninho.

Os salvadores sabiam apenas que procuravam um rapazinho perdido no bosque, e eu pude permanecer em silêncio. Afinal de contas, eles tinham encontrado *alguém* e por isso sentiam-se satisfeitos. Enquanto o carro de bombeiros subia aos solavancos o caminho que levava à casa dos Day, vomitei, para cima da porta pintada de vermelho vivo, uma intensa mistura de papas de bolota, agriões e os exosqueletos de muitos pequenos insectos. O bombeiro deu-me palmadinhas na cabeça e pegou-me ao colo, com o cobertor e tudo, como se não tivesse mais importância que um gato recolhido ou um bebé abandonado. O pai de Henry saltou do alpendre para me recolher nos braços, e com um forte abraço e beijos mornos que fediam a fumo e a álcool, deu-me as boas-vindas a casa como o seu filho único. A mãe seria muito mais difícil de enganar.

O rosto dela traía-lhe todas as emoções: a pele manchada, gretada por lágrimas salgadas, os olhos azuis-claros debruados a vermelho, o cabelo emaranhado e desgrenhado. Estendeu para mim os braços e as mãos trémulas, e soltou um grito curto e agudo, parecido com o grito do coelho quando se sente preso numa armadilha. Limpou as lágrimas com a manga da camisa e envolveu-me no estremecimento naufragado duma mulher apaixonada. Então começou a rir, aos trinados.

— Henry? Henry? — Ela afastou-me e segurou-me pelos ombros, à distância de um braço. — Deixa-me olhar para ti. És mesmo tu?

— Desculpa, mãezinha.

Ela afastou as madeixas que me escondiam os olhos e depois puxou-me contra o peito. O seu coração bateu de encontro à minha cara e senti-me quente e desconfortável.

— Não te preocupes, meu pequeno tesouro. Estás em casa, são e salvo, e isso é tudo o que importa. Voltaste para mim.

O pai pôs-me a sua grande mão na nuca, e eu pensei que este quadro de regresso a casa se iria prolongar para sempre. Torci-me para me libertar e tirei do bolso de Henry o lenço, derramando migalhas para o chão.

— Desculpa por ter roubado o biscoito, mãezinha.

Ela soltou uma gargalhada, e uma sombra passou por trás dos seus olhos. Talvez estivesse na dúvida até àquele momento sobre se eu seria realmente da sua carne e sangue, mas mencionar o biscoito resolveu o assunto. Henry tirara um da mesa quando fugira de casa, e enquanto os outros o levavam para o rio, eu roubei-o e pu-lo no bolso. As migalhas provavam que era filho dela.

**B**em depois da meia-noite, puseram-me na cama, e um tal conforto pode bem ser a maior invenção da humanidade. Em qualquer caso, é melhor do que dormir num buraco no chão frio, com uma pele de coelho bolorenta por almofada, e acompanhado pelos grunhidos e suspiros de uma dúzia de crianças trocadas, ansiosas nos seus sonhos. Estiquei-me como um galho entre os lençóis frios e pus-me a reflectir na minha boa sorte. Há muitas histórias sobre crianças trocadas falhadas que são descobertas pelas suas supostas famílias. Uma criança que apareceu numa aldeia da Nova Escócia assustou de tal maneira os pobres pais que fugiram de casa no meio de um nevão e foram mais tarde encontrados, enregelados e aos saltinhos, no porto gelado. Uma criança trocada com seis anos chocou de tal maneira os seus novos pais quando abriu a boca para falar que, aterrorizados, despejaram cera quente nos ouvidos um do outro e nunca mais ouviram um som. Outros pais, ao saber que os filhos tinham sido substituídos por crianças trocadas, amanhecera com os cabelos completamente brancos, ou foram atacados pela catatonia, ataques cardíacos ou morte súbita. Pior ainda, embora seja raro, outras famílias afastaram a criatura por meio de exorcismos, banimento, abandono ou assassinio. Há setenta anos, perdi um bom amigo depois de ele se esquecer de ir parecendo mais velho à medida que ia avançando nos anos. Convencidos de que era um demónio, os pais enfiaram-no num saco de juta como se fosse um gatinho indesejado e atiraram-no a um poço. Mas na maior parte dos casos, os pais ficam confusos pela súbita

mudança do filho ou da filha, ou um dos esposos culpa o outro pela sua estranha fortuna. É um empreendimento arriscado, inadequado para corações fracos.

Não era pouca a satisfação que sentia por ter chegado àquele ponto sem ser detectado, mas não estava completamente à vontade. Meia hora depois de ter ido para a cama, a porta do meu quarto abriu-se devagar. Delineados pela luz do corredor, o senhor e a senhora Day enfiaram as cabeças pela abertura. Cerrei os olhos, não deixando aberta mais do que uma fenda, e fingi que dormia. Ela soluçava, com suavidade, mas persistentemente. Ninguém era capaz de chorar com tanta habilidade como Ruth Day.

— Temos de emendar-nos, Billy. Tens de fazer com que isto nunca volte a acontecer.

— Eu sei, prometo — murmurou ele. — Mas olha como dorme. “O sono inocente que desfia a emaranhada teia das aflições”.

Fechou a porta e deixou-me no escuro. As outras crianças trocadas e eu tínhamos espiado o rapaz durante meses, e eu conhecia a disposição da minha nova casa no limite da floresta. A vista de Henry sobre os poucos acres da família e o mundo que ficava para lá deles era mágica. Lá fora, as estrelas brilhavam, encavalitadas numa fileira irregular de abetos. Entrando pela janela aberta, uma brisa fazia ondular os lençóis, e mariposas batiam as asas, afastando-se dos seus poleiros no mosquitoieiro. A Lua, quase cheia, reflectia para o quarto luz suficiente para revelar o padrão sombrio do papel de parede, o crucifixo sobre a minha cabeça e páginas arrancadas de revistas e jornais e presas com tachas às paredes. Uma luva e uma bola de baseball descansavam em cima da secretária e, no lavatório, um cântaro e uma bacia brilhavam, brancos como fósforo. Uma pequena pilha de livros apoiava-se na bacia e eu quase não conseguia conter a excitação com a perspectiva de ler quando chegasse a manhã.

As gémeas começaram a berrar ao raiar o dia. Caminhei pelo corredor, para lá do quarto dos meus pais, na direcção de onde o som vinha. Os bebés calaram-se no momento em que me viram, e tenho a certeza de que se tivessem os dons da razão e da fala, Mary e Elizabeth teriam dito “Tu não és o Henry” no momento em que entrei no quarto. Mas não passavam de crianças pequenas, com mais dentes do que frases, e não eram capazes de articular os mistérios das suas jovens mentes. Com os seus grandes olhos cristalinos, observavam todos os meus movimentos com uma atenção silenciosa. Tentei sorrir, mas nenhum sorriso me foi devolvido. Tentei fazer caretas, fazer-lhes cócegas por baixo dos gordos queixos, dançar como uma marioneta, assobiar como um tordo-imitador, mas elas limitaram-se a observar, passivas e inertes como dois sapos estúpidos. Torturando o cérebro para encontrar um modo de chegar até elas, lembrei-me de outras ocasiões

em que encontrara na floresta coisas tão desamparadas e perigosas como aquelas duas crianças humanas. Ao caminhar por um vale estreito e solitário, deparara com uma cria de urso separada da mãe. O assustado animal soltara um grito de tal modo desolado que não me teria surpreendido se me tivesse visto rodeado por todos os ursos das montanhas. Apesar dos meus poderes com os animais, nada haveria a fazer com um monstro que me podia rasgar as entranhas com uma única patada. Cantarolando para o animal, acalmei-o, e ao lembrar-me disto, fiz o mesmo com as minhas novas irmãs. Elas ficaram encantadas pelo som da minha voz e começaram de imediato a arrulhar e a bater as mãos gorduchas, enquanto longos fios de baba lhes corriam pelos queixos. Cantar “Twinkle, Twinkle” e “Bye, Baby Bunting” sossegou-as ou convenceu-as de que eu estava suficientemente próximo de ser o seu irmão, ou que era preferível a ele, mas quem poderá saber ao certo que pensamentos lhes atravessavam as mentes simples? Gorgolejavam e faziam gu-gu. Entre as canções, como contraponto, falava-lhes com a voz de Henry, e os bebês começaram gradualmente a acreditar — ou abandonaram o sentido de descrença.

A senhora Day entrou, afadigada, no quarto dos bebês, murmurando e cantarolando. Os seus contornos gerais e amplidão espantaram-me; tinha-a visto muitas vezes antes, mas nunca de tão perto. Vista da segurança dos bosques, tinha parecido mais ou menos igual a todos os humanos adultos, mas em pessoa assumia uma singular ternura, embora exalasse um cheiro vagamente amargo, um perfume a leite e a fermento. Dançou pelo chão fora, abrindo as cortinas com gestos rápidos, ofuscando o quarto com a manhã dourada, e as meninas, alegradas pela sua presença, ergueram-se, segurando-se às ripas dos berços. Também lhe sorri. Foi tudo o que pude fazer para evitar rebentar num riso jubiloso. Ela sorriu-me de volta, como se eu fosse o seu único filho.

— Ajuda-me com as tuas irmãs, sim, Henry?

Peguei na menina mais próxima e anunciei, vincando bem as palavras, “Fico com a Elizabeth.” Era pesada como um texugo. Segurar numa criança que não planeamos raptar é uma sensação curiosa; os muito novos transmitem uma suavidade agradável.

A mãe das raparigas parou e ficou a olhar-me, e por um segundo pareceu confusa e incerta.

— Como soubeste que essa é a Elizabeth? Nunca tinhas sido capaz de as distinguir.

— É fácil, mãezinha. A Elizabeth faz duas covinhas quando sorri e o seu nome é mais comprido, e a Mary só faz uma.

— Mas que rapazinho tão esperto! — Pegou em Mary e encaminhou-se para o andar de baixo.

Elizabeth escondeu o rosto no meu ombro quando seguimos a nossa mãe. A mesa da cozinha gemia sob o peso de um enorme banquete — panquecas e bacon, um jarro de xarope morno de bordo, um cântaro brilhante de leite, e tigelas de porcelana cheias de rodela de banana. Após uma longa vida na floresta, a comer o-que-desse-para-encontrar, aquela comida simples parecia um banquete de acepipes exóticos, ricos e maduros, a promessa da saciação.

— Olha, Henry, fiz tudo o que tu gostas.

Poderia tê-la beijado logo ali. Se estava satisfeita consigo própria para se ter dado ao trabalho de preparar os alimentos favoritos de Henry, deve ter-se sentido extremamente recompensada pela forma como eu me empanturrei e apreciei o pequeno-almoço. Após quatro panquecas, oito fatias de bacon e todo o cântaro de leite à excepção de dois copos, queixei-me de fome, e ela fez-me três ovos e meia fatia de pão caseiro torrado. Aparentemente, o meu metabolismo tinha-se alterado. Ruth Day viu no meu apetite um sinal de amor por ela, e durante os onze anos seguintes, até eu ir para a faculdade, estragou-me com mimos. Com o tempo, sublimou as suas próprias ansiedades e começou a comer como eu. Décadas como criança trocada tinham moldado os meus apetites e energias, mas ela era bem humana, e ficava mais pesada a cada estação. Ao longo dos anos, interroguei-me com frequência sobre se ela teria mudado assim tanto com o seu primogénito verdadeiro, ou se abafava com comida as suspeitas que a corroíam.

Naquele primeiro dia, mantive-me dentro de casa, e quem poderia culpá-la, depois de tudo o que acontecera? Permaneci mais perto dela do que a sua própria sombra, estudando intensamente, aprendendo melhor como ser o seu filho, enquanto ela limpava o pó e varria, lavava a loiça e mudava as fraldas às bebés. Sentia a casa mais segura do que a floresta, mas estranha e alheia. Pequenas surpresas espreitavam-me. A luz do dia entrava em ângulo pelas janelas cobertas por cortinas, descia ao longo das paredes, e projectava os seus padrões sobre os tapetes numa geometria completamente diferente da que existia sob a abóbada de folhas. De particular interesse eram os pequenos universos compostos por grãos de poeira que se tornavam visíveis apenas nos raios de Sol. Em contraste com o brilho do Sol, lá fora, a luz interior possuía um efeito soporífero, especialmente para as gémeas. Cansaram-se pouco depois do almoço — outro banquete em minha honra — e adormeceram ao princípio da tarde.

A mãe regressou do quarto delas em bicos de pés e foi encontrar-me pacientemente à espera no mesmo local onde me deixara, em pé no corredor como uma sentinela. Estava enfeitiçado por uma tomada eléctrica que me gritava para enfiar nela o mindinho. Embora a porta do seu quarto estivesse fechada, a respiração ritmada das gémeas soava como uma tem-

pestade por entre as árvores, pois eu ainda não me tinha treinado para não escutar. A mãe pegou-me na mão e o seu suave aperto encheu-me de uma empatia duradoura. A mulher criava em mim uma paz profunda com um simples toque. Lembrei-me dos livros que descansavam sobre o lavatório de Henry e perguntei-lhe se me podia ler uma história.

Fomos para o meu quarto e trepámos juntos para a cama. Durante o século anterior, os adultos tinham sido completos estranhos, e a vida entre as crianças trocadas tinha-me distorcido a perspectiva. Com mais do dobro do meu tamanho, ela parecia demasiado sólida e robusta para ser real, especialmente quando comparada com o corpo magro de rapaz que eu assumira. A minha situação parecia frágil e caprichosa. Se ela rolasse, poderia quebrar-me como um feixe de raminhos. E no entanto, o seu tamanho criava uma defesa contra o mundo exterior. Ela proteger-me-ia contra todos os meus inimigos. Enquanto as gémeas dormiam, leu-me histórias dos Irmãos Grimm — “História do Jovem que Saiu Pelo Mundo para Aprender o que é o Medo”, “O Lobo e os Sete Cabritinhos”, “Hansel e Gretel”, “O Osso que Canta”, “A Donzela que não Tinha Mãos” e muitas outras, raras ou familiares. As minhas preferidas eram “Cinderela” e “O Capuchinho Vermelho”, que ela lia com uma bela expressão no seu timbre de meio-soprano, uma toada muito mais alegre do que o que seria adequado àquelas terríveis fábulas. Na música da sua voz soava um eco de muito tempo antes, e enquanto eu descansava a seu lado, as décadas dissolveram-se.

Tinha ouvido aquelas histórias antes, há muito tempo, mas em alemão, contadas pela minha mãe verdadeira (sim, também eu tive uma mãe em tempos), que me introduziu a Ashenputtel e Rotkäppchen, de *Kinder- und Hausmärchen*. Queria esquecer, pensava que estava a esquecer, mas podia ouvir com grande clareza a sua voz na minha cabeça.

— *Es war einmal im tiefen, tiefen Wald.*

Embora tenha abandonado há muito a sociedade das crianças trocadas, permaneci de certa maneira naqueles bosques sombrios, escondendo a minha verdadeira identidade daqueles que amo. Só agora, depois dos estranhos acontecimentos do último ano, encontrei coragem para contar a história. Esta é a confissão, tanto tempo adiada, que tive receio de fazer, e que revelo agora devido ao perigo que paira sobre o meu filho. Mudamos. Eu mudei.

• C A P Í T U L O 2 •



Vou-me embora.

Isto não é um conto de fadas, mas sim a verdadeira história da minha vida dupla, deixada no local onde tudo começou, para o caso de eu voltar a ser encontrado.

A minha história começa quando era um rapaz de sete anos, livre dos desejos que tenho agora. Há quase trinta anos, numa tarde de Agosto, fugi de casa e nunca regresssei. Certos assuntos triviais e esquecidos deixaram-me furioso, mas lembro-me de me preparar para uma longa viagem, enchendo os bolsos com biscoitos que tinham sobrado do almoço, e deslizando para fora da casa tão suavemente que a minha mãe nem se deve ter apercebido da minha partida.

Desde a porta traseira da quinta até à assustadora orla da floresta, o pátio estava banhado em luz, como se fosse uma terra fronteiriça a atravessar com cuidado com receio de ser descoberto. Quando atingi o terreno inculto, senti-me seguro e escondido na escuridão do bosque, e enquanto continuava a caminhar, a quietude instalava-se nos espaços entre as árvores. Os pássaros tinham parado de cantar, e os insectos estavam em repouso. Cansada do calor sufocante, uma árvore gemeu, como se se contorcresse sobre as raízes. O verde tecto de folhas sobre a minha cabeça suspirava com cada brisa rara e passageira. E quando o Sol já mergulhava por trás das árvores, deparei com um majestoso castanheiro, que tinha um buraco

escavado na base, suficientemente grande para me arrastar lá para dentro, esconder-me e esperar, à escuta de quem viesse à minha procura. E quando eles chegaram perto o suficiente para os chamar com um aceno, não me movi. Os adultos continuaram a gritar “Hen-ry” ao longo da tarde que terminava, pela penumbra do crepúsculo, durante a noite fria e estrelada. Recusei-me a responder. Feixes de luz das lanternas saltitaram como loucos por entre as árvores, e a equipa de busca abriu ruidosamente caminho pelos arbustos, tropeçando em tocos e troncos caídos, passando por mim sem me ver. Em breve os seus chamamentos tornavam-se mais fracos com a distância, dissolviam-se em ecos, em murmúrios, no silêncio. Estava determinado a não ser encontrado.

Enterrei-me mais fundo na toca, pressionando o rosto contra as nervuras internas da árvore, inalando os seus odores doces a podridão e humidade, sentindo o grão da madeira áspero contra a pele. Ao longe soou um roçar que se transformou num zumbido. Enquanto se aproximava, o murmúrio intensificava-se e apressava-se. Quebraram-se gravetos e farfalharam folhas quando ele galopou na direcção da árvore oca e parou à frente do meu esconderijo. Uma respiração arquejante, um sussurro, um passo. Enrolei-me mais quando alguma coisa gatinhou pela entrada e esbarrou com os meus pés. Dedos frios enrolaram-se no meu tornozelo nu e puxaram.

Arrancaram-me do buraco e pregaram-me ao chão. Gritei uma vez antes de uma mão pequena me fechar a boca com força e um outro par de mãos me amordaçar. Na escuridão, as feições dos que me agarravam permaneciam indistintas, mas o seu tamanho e forma eram iguais aos meus. Despiram-me rapidamente e enrolaram-me como uma múmia em teias de aranha. Crianças pequenas, rapazes e raparigas excepcionalmente fortes, tinham acabado de me raptar.

Ergueram-me e fugiram. Correndo pela floresta a uma velocidade vertiginosa, de barriga para o ar, era sustentado por vários pares de mãos e ombros ossudos. As estrelas, lá no alto, abriam caminho por entre as copas, movendo-se como uma chuva de meteoros, e o mundo girou rapidamente para longe de mim na escuridão. As atléticas criaturas moviam-se com facilidade, apesar do fardo que transportavam, navegando pelo terreno invisível e em torno dos obstáculos arbóreos sem uma sacudidela ou um tropeção. Deslizando como uma coruja através da floresta nocturna, sentia-me excitado e receoso. Enquanto me carregavam, falavam uns com os outros numa algaraviada que soava aos latidos do esquilo ou à tosse áspera do veado. Uma voz rouca segredou algo que se assemelhava a “é da lei” ou “Henry Day”. A maior parte deles caiu no silêncio, embora de vez em quando um começasse a bufar como um

lobo. O grupo, como que obedecendo a um sinal, abrandou até um meio galope ao longo daquilo que mais tarde vim a descobrir tratar-se de bem definidos trilhos de veados que serviam os cidadãos dos bosques.

Mosquitos caíam sobre a pele exposta no meu rosto, mãos e pés, picando-me à vontade e sugando-me o sangue até se fartarem. Comecei a sentir comichão e tinha uma vontade desesperada de coçar. Por sobre o ruído dos grilos, das cigarras e das rãs, ouvia-se água a sussurrar e gorgolejar ali perto. Os pequenos demónios começaram a cantar em unísono até que o grupo parou de súbito. Conseguia ouvir o rio a correr. E, ainda atado, fui atirado à água.

O afogamento é uma maneira terrível de partir. Não foi o voo pelo ar que me alarmou, ou mesmo o impacto com o rio, mas sim o som do meu corpo a perfurar a superfície. O que mais me chocou foi a penetrante justaposição do ar morno e da água fria. A mordação não me saiu da boca, as mãos não se libertaram. Submerso, deixei de poder ver, e tentei por um momento prender a respiração, mas então senti a dolorosa pressão no peito e nas fossas nasais quando os pulmões se encheram de água. A minha vida não me passou perante os olhos — só tinha sete anos — e não chamei pela mãe, pelo pai ou por Deus. Os meus últimos pensamentos não foram sobre morrer mas sim sobre estar morto. As águas envolviam-me, até mesmo à alma, as profundezas fechavam-se em volta de mim, e ervas enrolavam-se em torno da minha cabeça.

Muitos anos mais tarde, quando a história da minha conversão e purificação evoluiu para lenda, disse-se que quando me ressuscitaram, jorrou de mim uma corrente de água, repleta de girinos e minúsculos peixes. A minha primeira memória é de acordar numa cama improvisada, com a boca e o nariz cheios de muco seco, sob um cobertor de juncos. Rodeando-me, sentados em pedras e tocos de árvore, estavam as fadas, pois era esse o nome que davam a si próprios, falando calmamente em conjunto como se eu não estivesse ali. Contei-os e, eu próprio incluído, éramos uma dúzia certa. Um por um, repararam que eu estava acordado e vivo. Mantive-me imóvel, tanto por medo como por embaraço, pois o meu corpo estava nu sob o cobertor. Toda a cena me parecia um sonho acordado, ou como se tivesse morrido e voltado a nascer.

Apontaram para mim, e falaram com vozes excitadas. A princípio, a sua língua pareceu-me desajustada, cheia de consoantes estranguladas e de estática. Mas, com uma concentração cuidadosa, consegui ouvir um inglês modulado. As fadas aproximaram-se com cuidado, para não me assustar, do mesmo modo que uma pessoa se aproximaria de um passarinho caído ou de um enho separado da sua cerva.

— Pensámos que talvez não acordasses.

— Tens fome?

— Tens sede? Queres um pouco de água?

Rastejaram para mais perto, e pude vê-los mais claramente. Pareciam uma tribo de crianças perdidas. Seis rapazes e cinco raparigas, ágeis e esguios, a pele escurecida pelo Sol e por uma película de poeira e cinzas. Quase nus, tanto os rapazes como as raparigas vestiam calções que não lhes serviam bem ou antiquadas calças largas de mulher, e três ou quatro tinham vestidas camisolas coçadas. Ninguém trazia sapatos, e as plantas dos seus pés eram calosas e duras, tal como as palmas das mãos. Tinham os cabelos compridos e desordenados, cheios de remoinhos de caracóis, ou de nós e novelos. Alguns possuíam um conjunto completo de dentes de leite, enquanto noutros havia intervalos de onde dentes tinham caído. Só um deles, que parecia ter mais alguns anos do que os restantes, apresentava dois dentes novos de adulto no maxilar superior. Os seus rostos eram saudáveis e delicados. Quando me examinaram, reuniram-se ténues pés de galinha nos cantos dos seus olhos baços e vagos. Não se pareciam com nenhuma criança que eu conhecesse, mas sim com anciões presos em corpos de crianças selvagens.

Eram fadas, se bem que não do tipo que aparecia nos livros, pinturas e filmes. Não eram nada como os Sete Anões, os Munchkins, os anões, o Pequeno Polegar, diabretes, elfos, ou aqueles espíritos voadores quase nus que aparecem no início de *Fantasia*. Não eram homenzinhos de cabelos vermelhos, vestidos de verde e a caminho do fim do arco-íris. Nem os ajudantes do Pai Natal, nem nada que se parecesse com ogres, gigantes e outros monstros saídos de histórias dos Irmãos Grimm ou da Mãe Gansa. Rapazes e raparigas presos no tempo, sem idade, bravios como uma matilha de cães selvagens.

Uma rapariga, castanha como uma noz, agachou-se perto de mim e desenhou padrões na terra junto da minha cabeça.

— O meu nome é Mancha. — As fadas sorriram e olharam-me. — Tu precisas de comer qualquer coisa. — Chamou os amigos para mais perto com um aceno de mão. Puseram três tigelas à minha frente: uma salada feita de folhas de dente-de-leão, agriões e cogumelos selvagens, um monte de amoras silvestres arrancadas dos espinhos antes da madrugada, e um conjunto sortido de escaravelhos assados. Recusei o último prato mas empurrei a fruta e os vegetais com água límpida e fria tirada duma cabaça oca. Reunidas em pequenos grupos, as fadas observaram intensamente, sussurrando entre si e olhando de vez em quando para a minha cara, sorrindo quando encontravam o meu olhar.

Três das fadas aproximaram-se para levar os pratos vazios; outra trouxe-me um par de calças. A rapariga soltou risinhos enquanto eu lutava

por baixo do cobertor de juncos, e depois rebentou em gargalhadas quando tentei abotoar a braguilha sem revelar a minha nudez. Não estava em posição de apertar a mão que me foi oferecida quando o líder se apresentou e aos seus amigos.

— Chamo-me Igel — disse ele, atirando com os dedos o cabelo louro para trás. — Este é o Béka.

O Béka era um rapaz com cara de sapo, uma cabeça mais alto do que os outros.

— E esta é a Cebolas. — Ela avançou, vestida com uma camisa de rapaz às riscas e calças curtas presas por suspensórios. Protegendo os olhos do Sol com uma mão, olhou-me de soslaio e sorriu-me, e eu corei da cabeça ao peito. Os dedos dela estavam verdes de desenterrar as cebolas selvagens que gostava de comer. Quando acabei de vestir-me, soergui-me apoiando-me nos cotovelos para olhar melhor para os de mais.

— Chamo-me Henry Day — coaxei, com a voz áspera de sofrimento.

— Olá, Aniday. — Cebolas sorriu, e todos se riram da alcunha. As crianças-fadas puseram-se a cantar “Aniday, Aniday” e um grito soou no meu coração. Daquele dia em diante chamaram-me Aniday, e com o tempo esqueci o meu verdadeiro nome, embora ele regressasse parcialmente, de vez em quando, como Any Day ou Anyway. Depois de ser assim baptizado, a minha antiga identidade começou a desvanecer-se, da mesma maneira que um bebé não recorda tudo o que aconteceu antes de nascer. Perder o nome é o início do esquecimento.

Quando as aclamações cessaram, Igel apresentou-me a cada uma das fadas, mas a confusão de nomes ressoou nos meus ouvidos. Afastaram-se em grupos de dois e de três, desapareceram em buracos escondidos que cercavam a clareira, e depois reapareceram transportando cordas e mochilas. Durante um momento, perguntei a mim próprio se planeariam atar-me para ser de novo baptizado, mas a maior parte deles pouco caso fez do meu pânico. Andaram por ali aos círculos, ansiosos por começar, e Igel veio até junto de mim.

— Vamos em busca de restos, Aniday. Mas tu tens de ficar aqui e descansar. Passaste por uma grande provação.

Quando tentei levantar-me, encontrei a resistência da sua mão no meu peito. Podia parecer um rapaz de seis anos, mas tinha a força de um adulto.

— Onde está a minha mãe? — perguntei.

— O Béka e a Cebolas ficam contigo. Descansa. — Soltou um latido e, com a rapidez de um relâmpago, a matilha reuniu-se a seu lado. Sem um som, e antes que eu conseguisse soltar uma palavra de protesto, desapare-

ceram, desvanecendo-se na floresta como fantasmas de lobos. Deixando-se ficar para trás, Mancha virou a cabeça e gritou-me:

— Tu agora és um de nós. — Depois, pôs-se a trote para se juntar aos outros.

Voltei a deitar-me e lutei contra as lágrimas, olhando para o céu. Passavam nuvens sob o Sol do Verão, fazendo rolar as suas sombras sobre as árvores e pelo acampamento das fadas. No passado, tinha-me aventurado naqueles bosques sozinho ou com o meu pai, mas nunca tinha neles penetrado tão profundamente, até chegar a um lugar assim tão sossegado e solitário. Os castanheiros, carvalhos e ulmeiros que me eram familiares cresciam ali mais altos, e a floresta que rodeava a clareira parecia espessa e impenetrável. Aqui e ali viam-se tocos e troncos desgastados e os restos de uma fogueira. Um pequeno lagarto apanhava sol na pedra em que Igel se sentara. Não muito longe, uma tartaruga de caixa arrastava-se por entre as folhas caídas e recolheu-se na carapaça, com um silvo, quando me levantei para a ver mais de perto.

Estar em pé revelou ser um erro, e deixou-me tonto e desorientado. Quis estar em casa, na cama, junto ao conforto da minha mãe, ouvindo-a cantar para as bebés, mas em vez disso senti o olhar tão, tão frio de Béka. A seu lado, Cebolas cantarolava para dentro, atenta à cama-de-gato nos seus dedos atarefados. Hipnotizava-me com os seus desenhos. Exausto, deitei-me, a tremer apesar do calor e da humidade. A tarde ia derivando pesadamente, induzindo o sono. Os meus dois companheiros observavam-me a observá-los, mas nada diziam. Cruzando, para lá e para cá, o limiar da consciência, não era capaz de mover os ossos cansados, recordando os acontecimentos que me tinham levado até àquele vale e preocupando-me com os problemas que teria de enfrentar quando regressasse a casa. No meio da sonolência, abri os olhos ao sentir uma agitação que não me era familiar. Ali perto, Béka e Cebolas lutavam sob um cobertor. Ele deitava-se por cima das costas dela, empurrando e grunhindo, e ela estava deitada de bruços, com a cara voltada para mim. A sua boca verde abriu-se e, quando viu que a espiava, atirou-me um sorriso cheio de dentes. Fechei os olhos e virei-me para o outro lado. A fascinação e a repugnância arranharam-se uma à outra na minha mente confusa. O sono não regressou antes que os dois se aquietassem, ela a cantarolar para si própria enquanto o pequeno sapo ressonava com ar satisfeito. O meu estômago ergueu-se como um punho cerrado, e a náusea varreu-me como uma febre. Assustado, e com saudades de casa, quis fugir e desaparecer daquele estranho lugar.

• C A P Í T U L O 3 •

**R**eaprendi a ler e escrever durante aquelas duas últimas semanas de Verão, sozinho com a minha nova mãe, Ruth Day. Ela estava determinada a manter-me em casa, ou ao alcance da voz, ou dentro do seu campo de visão, e eu fiz-lhe a vontade com todo o gosto. Ler, claro, é apenas associar símbolos a sons, memorizar as combinações, regras e efeitos e, o que é muito importante, os espaços entre as palavras. Escrever provou ser mais difícil, principalmente porque era preciso ter algo a dizer antes de enfrentar a página vazia. O desenho propriamente dito do alfabeto resultou num trabalho cansativo. Na maior parte das tardes praticava sozinho numa ardósia, com giz e apagador, enchendo-a uma e outra vez com o meu novo nome. A mãe começou a preocupar-se com o meu comportamento compulsivo, e acabei por desistir, não sem antes escrever, tão bem quanto possível, “Amo a minha mãe”. Ela ficou agradada ao descobrir a frase mais tarde, e o gesto valeu-me uma tarte de pêsego inteira, sem que uma única fatia fosse para os outros, nem mesmo para o meu pai.

A novidade de ir para a segunda classe erodiui-se rapidamente numa dor surda. O trabalho da escola era-me fácil, se bem que tenha entrado um pouco atrasado relativamente aos meus colegas na compreensão daquele outro método de lógica simbólica: a aritmética. Ainda batalho com os números, não tanto com as operações básicas — adição, subtração, multiplicação — mas com as configurações mais abstractas. A Ciência elementar e a História revelaram uma maneira de pensar acerca do mundo que diferia da minha experiência entre as crianças trocadas. Por exemplo, não fazia

nenhuma ideia de que George Washington é, falando metaforicamente, o pai do nosso país, e tampouco compreendia que uma *cadeia alimentar* é o arranjo de organismos numa comunidade ecológica de acordo com a ordem de predação em que cada um utiliza os membros seguintes, em geral inferiores, como fonte de alimento. Este tipo de explicações da ordem natural pareciam-me a princípio muito pouco naturais. As coisas na floresta eram muito mais existenciais. Viver dependia de aguçar os instintos, não de memorizar factos. Desde que os últimos lobos tinham sido mortos ou afugentados por caçadores, não restava nenhum inimigo além do homem. Se nos mantivéssemos escondidos, aguentar-nos-íamos.

A nossa luta era encontrar a criança certa com quem trocar de lugar. Não podia ser uma selecção ao acaso. Uma criança trocada deve decidir-se por uma criança com a mesma idade que ela tinha quando foi raptada. Eu tinha sete anos quando me levaram, e sete quando parti, embora tenha passado nos bosques quase um século. A provação daquele mundo não é apenas a sobrevivência num lugar selvagem, mas também a longa, a insuportável espera pelo regresso a este mundo.

Logo após regressar, essa paciência aprendida transformou-se numa virtude. Os meus colegas seguiam o rastejar do tempo todas as tardes, esperando uma eternidade pelo toque das três horas. Nós, na segunda classe, ficávamos sentados na mesma sala estultificante desde Setembro até meados de Junho e, salvo aos fins-de-semana e durante a gloriosa liberdade dos feriados, esperavam de nós que chegássemos antes das oito da manhã e nos portássemos bem durante as sete horas seguintes. Se o tempo cooperasse, deixavam-nos sair para o recreio duas vezes por dia e durante a hora de almoço. Em retrospectiva, o tempo que passávamos juntos era insignificante perante o que passávamos afastados, mas algumas coisas medem-se melhor pela qualidade do que pela quantidade. Os meus colegas transformavam cada dia numa tortura. Eu esperara civilização, mas eles eram piores do que as crianças trocadas. Os rapazes, com os seus laços sujos à marinheiro e uniformes azuis, eram uniformemente horríveis — tiravam macacos do nariz, chuchavam no dedo, roncavam, disparatavam, largavam traques, arrotavam, não se lavavam nem se limpavam. Um rufia chamado Hayes gostava de torturar os outros, roubando almoços, empurrando-os na bicha, urinando para dentro de sapatos, lutando no recreio. Ou nos juntávamos aos seus sicofantas, incitando-o, ou éramos postos na lista das presas potenciais. Alguns dos rapazes transformavam-se em perpétuos oprimidos. Reagem mal, retirando-se mais para dentro de si próprios ou, o que era pior, chorando e gritando a qualquer pequena provocação. Na sua tenra idade, estavam marcados para toda a vida, indo sem dúvida acabar como empregados ou gerentes de lojas, analistas de sistemas ou consultores. Regressavam dos

intervalos ostentando os sinais dos abusos que sofriam — olhos negros e narizes ensanguentados, os vergões vermelhos das lágrimas — mas eu não ia em seu auxílio, embora talvez devesse ter ido. Se alguma vez tivesse usado a minha verdadeira força, teria despachado facilmente os rufias com um único golpe bem colocado.

As raparigas, à sua maneira, sofriam afrontas maiores. Também elas exibiam muitos dos mais desanimadores hábitos pessoais e falta de higiene geral. Ou se riam alto de mais ou não se riam de todo. Ou competiam de forma perversa entre si e com os rapazes, ou se dissolviam na madeira como ratos. A pior de todas, chamada Hines, tinha o hábito de dilacerar as raparigas mais tímidas com provocações e desprezo. Humilhava as vítimas sem misericórdia se, por exemplo, molhassem a roupa na sala como aconteceu no primeiro dia de aulas, logo antes do intervalo, à impreparada Tess Wodehouse. Ela corou como se estivesse a arder, e eu pela primeira vez senti algo próximo de pena pela desgraça de outrem. Troçaram da pobre por causa daquele episódio até ao Dia de São Valentim. Com as suas camisololas de xadrez e blusas brancas, as raparigas dependiam das palavras e não do corpo para ganhar batalhas. Nesse sentido, empalideceriam perante as trasgas, que eram ao mesmo tempo astutas como corvos e ferozes como linceas.

Aquelas crianças humanas eram totalmente inferiores. Por vezes, à noite, desejava poder voltar a vagar pela floresta, assustando pássaros que dormiam nos seus poleiros, roubando roupa das cordas e divertindo-me, em vez de aguentar páginas e páginas de trabalhos de casa e de me irritar com os meus pares. Mas mesmo com todas as suas falhas, o mundo real brilhava, e eu dediquei-me a esquecer o passado e a transformar-me de novo num rapaz verdadeiro. Por intolerável que fosse a escola, a vida caseira mais do que a compensava. A mãezinha esperava-me todas as tardes, fingindo limpar o pó ou cozinhar quando eu franqueava triunfalmente a porta da frente.

— Aí está o meu rapaz — dizia, e espantava-me para a cozinha para ir comer uma merenda de geleia, pão e uma chávena de Ovaltine. — Como foi hoje o teu dia, Henry?

Eu inventava uma ou duas mentiras agradáveis para a deixar satisfeita.

— Aprendeste alguma coisa nova?

E eu recitava tudo o que tinha vindo a ensaiar no caminho para casa. Ela parecia excessivamente curiosa e agradada, mas por fim deixava-me só com o terrível trabalho de casa, que geralmente conseguia terminar mesmo antes do jantar. Durante os poucos momentos que antecediam a chegada do meu pai do trabalho, ela preparava-nos a refeição, comigo a fazer-lhe

companhia ao lado da mesa. O fundo sonoro era constituído pelo rádio que tocava as suas baladas favoritas, e eu aprendia-as a todas depois de as ouvir uma vez e conseguia acompanhar cantando quando os discos eram invariavelmente repetidos. Por acidente ou ignorância, imitava as vozes dos baladeiros na perfeição, e era capaz de cantar todos os tons, todos os compassos, todas as frases exactamente como Bing Crosby ou Frank Sinatra, Rosemary Clooney ou Jo Stafford. A mãe encarava a minha capacidade musical como uma extensão natural da minha magnificência, charme e intelecto inato em geral. Adorava ouvir-me, desligando frequentemente o rádio para me pedir para cantar de novo.

— Sê um querido e canta-nos outra vez “There’s a Train Out for Dreamland”.

Quando o pai ouviu pela primeira vez a minha actuação, não respondeu tão bem.

— Onde foi que apanhaste isso? Um dia não és capaz de seguir uma melodia, e agora cantas como uma cotovia.

— Não sei. Se calhar antes não ouvia.

— Estás a brincar comigo? Ela tem aquela algazarra ligada noite e dia com o vosso Nat King Cole e o jazz todo, e “Can you take me dancin’ sometime?” Como se uma mãe de gémeos... Que queres tu dizer com isso de não ouvires?

— Quero dizer que não me concentrava.

— Devias era concentrar-te nos trabalhos de casa e em ajudar a tua mãe com a lida da casa.

— Se se prestar atenção e escutar em vez de só ouvir a canção, pode-se apanhar a melodia num instante.

O pai abanou a cabeça e acendeu outro Camel.

— Presta atenção aos mais velhos, se fazes favor, Caruso.

Tratei de não ser um imitador tão perfeito perto do meu pai.

Mary e Elizabeth, por outro lado, eram demasiado pequenas para dúvidas, e aceitaram sem questionar o meu nascente talento para a imitação. Na verdade, pediam-me canções a todo o momento, especialmente quando estavam nos berços, e eu aí mostrava-lhes todas as novidades, como “Mairzy Doats” ou “Three Little Fishies”. Mas, sem falhar uma única vez, elas adormeciam como pedras sempre que eu cantava “Over the Rainbow”. A minha Judy Garland era pobre.

Os meus dias com os Day caíram rapidamente numa rotina confortável, e desde que eu permanecesse dentro de casa ou na sala de aula, tudo corria bem. O tempo ficou subitamente mais frio, e quase de imediato as folhas tomaram tons de amarelo e vermelho tão brilhantes que bastava olhar para as árvores para me fazer doer os olhos. Detestava aqueles bri-

lhantes lembretes da vida na floresta. Outubro revelou-se uma orgia para os sentidos e atingiu o clímax naquelas vertiginosas últimas semanas antes do Dia das Bruxas. Sabia que este envolvia grupos, pedir nozes e rebuçados, fogueiras na praça e pregar partidas às pessoas. Podem acreditar que nós, os trasgos, tínhamos a nossa conta de travessuras — tirando portões dos gonzos, esmagando abóboras, enchendo as janelas da biblioteca com caricaturas de demónios. O que eu nunca experimentara era o estribilho das crianças e o modo como até as escolas participavam na festa. Duas semanas antes do grande dia, a freiras começaram a planear uma festa na aula com divertimentos e refrescos. Penduraram papel crepe preto e cor-de-laranja ao longo das arestas superiores dos quadros, colaram abóboras de papel e gatos negros nas paredes. Nós recortámos aplicadamente coisas assustadoras que vinham em folhas de papel e colámo-las, compondo as nossas próprias tentativas de arte, por mais dignas de pena que fossem. As mães foram recrutadas para cozer biscoitos e bolachas de chocolate e fazer pipocas e maçãs de caramelo. Eram permitidos disfarces... na verdade, eram esperados. Lembro-me exactamente da minha conversa sobre o assunto com a minha mãe.

— Vamos fazer uma festa do Dias das Bruxas na escola, e a professora diz para irmos vestidos com os disfarces em vez dos uniformes. Quero ser um trasgo.

— Que é isso?

— A mãe sabe, um trasgo.

— Não sei bem o que é. É alguma coisa parecida com um monstro?

— Não.

— Ou um fantasma? Um *ghoul*?

— Nenhum desses.

— Talvez um pequeno vampiro?

— Não sou nenhum sugador de sangue, mãe.

— Será uma fada?

Eu uivei. Pela primeira vez em quase dois meses, perdi a calma e gritei na minha voz selvagem natural. O som sobressaltou-a.

— Pelo amor de Deus, Henry. Pregaste-me um susto dos demónios, a fazer levantar os mortos, uivando como uma *banshee*. Não haverá Dia das Bruxas para ti.

Quis dizer-lhe que a espécie das *banshees* solta choros e lamentos mas nunca uivos. Em vez disso, liguei as lágrimas, berrando como as gémeas. Ela puxou-me para si e apertou-me de encontro ao estômago.

— Pronto, pronto, estava só a brincar. — Levantou-me o queixo e olhou-me nos olhos. — Só que não sei o que é um trasgo. Ouve, e que tal ives de pirata? Gostavas, não gostavas?

E foi assim que acabei vestido de bragas e uma camisa com mangas tufadas, um lenço atado em volta do crânio e usando um brinco como o Errol Flynn. No Dia das Bruxas, vi-me perante uma turma de fantasmas, bruxas e vagabundos, o único pirata da escola, provavelmente do país inteiro. A professora tinha-me escolhido para cantar “The Teddy Bear’s Picnic” como parte dos divertimentos assustadores da nossa festa. A voz que usava normalmente para falar era um guincho como a de Henry Day, mas quando cantei “If you go out in the woods tonight”, soei exactamente como o sonoro baixo de Frank DeVol no disco. A imitação chocou quase toda a gente. Num canto afastado, Caroline Hines soluçou de medo durante toda a canção. A maior parte dos miúdos ficaram de boca aberta por trás das máscaras e maquilhagem, sem saberem bem em que acreditar. Lembro-me que Tess Wodehouse se sentou e ficou a olhar, sem pestanejar, como se se tivesse apercebido de um logro fundamental mas não fosse capaz de encontrar o truque. Mas as freiras tinham mais conhecimentos. Quando a canção chegou ao fim, sussurraram em conjunto numa conspiração de pinguins, após o que anuíram em uníssono enquanto se benziam.

Os doces e as travessuras propriamente ditos deixaram muito a desejar. O meu pai levou-me de carro até à vila, ao crepúsculo, e esperou por mim enquanto eu percorria a pé a fileira de casas ao longo de Main Street, espiando aqui e ali outra criança num disfarce patético. Não apareceu nenhum trasgo, se bem que um gato preto tenha tentado atravessar-se no meu caminho. Silvei para a criatura num gatês perfeito, e ele deu meia volta e fugiu em pânico, indo esconder-se numa madressilva. Um sorriso maldoso atravessou-me o rosto. Era bom saber que não tinha ainda perdido todos os meus truques.

• C A P Í T U L O 4 •



Ao anoitecer, os corvos reuniram-se para passar a noite num grupo de carvalhos nus. Um a um, os pássaros pairaram até à colónia, sombras negras na luz que se extinguiu. O meu rapto, que ainda trazia fresco na memória, deixava-me tímido e desgastado, sem confiar numa só das almas que viviam na floresta. Sentia saudades da família, mas os dias e semanas passaram, marcados pelo surgimento rotineiro dos pássaros. As suas chegadas e partidas forneciam uma continuidade tranquilizadora. Pela altura em que as árvores perderam as folhas e estenderam as pernas nuas para o céu, os corvos já não me assustavam. Comecei a desejar a sua graciosa chegada, em silhueta contra o céu invernososo, uma parte natural da minha nova vida.

As fadas receberam-me como um dos seus e ensinaram-me os costumes dos bosques, e eu afeiçoei-me a todos eles. Além de Mancha, Igel, Béka e Cebolas, havia mais sete. As três raparigas eram inseparáveis — Kivi e Blomma, louras e sardentas, e Chavisory, que as seguia para todo o lado, uma tagarela que não devia ter mais de cinco anos. Quando sorria, os seus dentes de leite brilhavam como uma fileira de pérolas, e quando ria, os ombros magros sacudiam-se e retorciam-se. Se achava uma coisa verdadeiramente engraçada ou excitante, pulava como um morcego, dançando aos círculos e aos oitos pela clareira fora.

Além do líder, Igel, e do solitário Béka, os rapazes formavam dois pares. Ragno e Zanzara, se bem os recordo, lembravam-me os dois filhos

dos armazenistas italianos da vila. Rapazes magros com a pele cor de azeitona, ambos possuíam uma massa de caracóis negros na cabeça e eram rápidos na fúria e mais rápidos ainda no perdão. Os outros dois, Smaolach e Luchóg, comportavam-se como irmãos embora não pudessem ser mais diferentes. Mais alto que todos, excepto Béka, Smaolach concentrava-se na tarefa que tinha entre mãos, tão esquecido do mundo e cuidadoso como um pisco a puxar uma minhoca para fora de um buraco. O seu bom amigo Luchóg, o mais pequeno de todos, passava a vida a empurrar para trás uma indomável madeixa negra como a noite, que se enrolava sobre a sua testa como a cauda de um rato. Os seus olhos, azuis como o céu de Verão, revelavam uma feroz devoção pelos amigos, mesmo quando tentava fingir desprendimento.

Igel, o mais velho e líder do bando, esforçou-se o mais que pôde por explicar os usos da floresta. Mostrou-me como arpoar rãs e peixes, como encontrar água reunida durante a noite nas concavidades das folhas caídas, como distinguir os cogumelos comestíveis dos mortíferos cogumelos venenosos, e dezenas de outros truques de sobrevivência. Mas mesmo o melhor guia não consegue superar a experiência, e durante a maior parte dos meus primeiros tempos, eu era tratado com indulgência. Mantinham-me sob vigilância constante de, pelo menos, outros dois, e era obrigado a ficar perto do acampamento, duramente avisado para me esconder ao menor sinal de outras pessoas.

— Se te apanharem, julgar-te-ão um demónio — disse-me Igel. — E trancar-te-ão ou, pior ainda, testarão a sua razão atirando-te para uma fogueira.

— E tu arderás como palha — disse Ragno.

— E não serás mais do que uma nuvenzinha de fumo — disse Zan-zara, e Chavisory demonstrou-o dançando em torno da fogueira, e afastando-se até ao limite das trevas.

Quando chegou o primeiro frio intenso, um pequeno grupo foi enviado numa excursão nocturna, e regressou com braçadas de camisolas, casacos e sapatos. Aqueles de nós que tínhamos ficado para trás tremíamos enrolados em peles de veado.

— Como és o mais novo — disse-me Igel —, tens direito a escolher primeiro a roupa e as botas.

Smaolach, em pé ao lado da pilha de sapatos, chamou-me com um gesto. Reparei que os seus pés estavam nus. Esgravatei por entre o sortido de sapatos oxford de criança, sapatos de couro de biqueira quadrada, sapatos de ténis de pano e uma bota desemparelhada, acabando por escolher um par de sapatos pretos e brancos novinhos em folha que pareciam ser do meu número.

— Esses vão cortar-te os tornozelos.

— Então e estes? — perguntei, erguendo os sapatos de ténis. — Devo conseguir enfiar os pés neles. — Sentia os pés húmidos e gelados no chão frio.

Smaolach remexeu na pilha de sapatos e retirou dela os sapatos castanhos mais feios que eu já tinha visto. O couro rugeu quando ele flectiu a sola, e os atacadores pareciam serpentes enroladas. As biqueiras terminavam em pequenas placas de aço.

— Acredita, estes vão deixar-te quente e confortável durante todo o Inverno, e durarão muito tempo.

— Mas são pequenos de mais.

— Não sabes que tens encolhido? — Com um sorriso astuto, enfiou a mão no bolso das calças e tirou de lá um par de meias grossas de lã. — E encontrei isto especialmente para ti.

Todo o grupo suspirou ao ver aquele pequeno tesouro. Deram-me uma camisola de malha e um casaco de oleado que me manteve seco nos dias mais húmidos.

Quando as noites se estenderam e ficaram mais frias, trocámos as nossas esteiras de erva e camas solitárias por uma pilha de peles de animal e cobertores roubados. Dormíamos os doze juntos num monte entrelaçado. Gostava bastante do conforto da situação, embora a maioria dos meus amigos tivesse mau hálito ou odores fétidos pairassem em seu redor. Parte do motivo devia ser a mudança na dieta, da fartura do Verão para o declínio do Outono e a privação do Inverno. Várias daquelas pobres criaturas estavam nos bosques há tanto tempo que já tinham desistido de toda a esperança na sociedade humana. Na verdade, um punhado deles não tinha qualquer desejo de humanidade, e viviam como animais, raramente tomando banho ou limpando os dentes com um galho. Até uma raposa lambe os quartos traseiros, mas algumas das fadas eram mais porcas.

Naquele primeiro Inverno, ansiava por ir com os caçadores-recolectores nas suas expedições matinais em busca de comida e outros abastecimentos. Tal como os corvos que se reuniam à alvorada e ao crepúsculo, aqueles ladrões desfrutavam de liberdade longe do poleiro nocturno. Enquanto era deixado para trás, tinha de aguentar amas-secas como aquele sapo do Béka e a sua companheira Cebolas, ou os velhos Zanzara e Ragno, que levavam o dia inteiro em contendras e atiravam cascas de noz e pedras aos pássaros e esquilos que metessem o nariz na nossa despensa escondida. Sentia-me aborrecido, friorento, e desejoso de aventuras.

Numa manhã cinzenta, Igel decidiu ficar a vigiar-me, e a sorte quis que o meu amigo Smaolach lhe fizesse companhia. Prepararam um bule de

chá com casca seca de árvore e hortelã-pimenta, e, enquanto observávamos a queda de uma chuva fria, expus o meu caso.

— Porque não me deixas ir com os outros todos?

— O meu grande medo é que fujas e tentes regressar para o lugar de onde vieste, mas não podes, Aniday. Agora és um de nós. — Igel beberriçou o seu chá e fixou o olhar num ponto distante. Depois de um intervalo razoável, para que a sua sabedoria penetrasse na minha mente, prosseguiu. — Por outro lado, já te mostraste um membro valioso do nosso clã. Recolhes ervas secas para acender a fogueira, descasca as bolotas e cava uma nova latrina quando te pedimos. Estás a aprender a verdadeira obediência e deferência. Tenho-te observado, Aniday, e és um bom estudante dos nossos costumes.

Smaolach fixou os olhos no fogo que esmorecia e disse qualquer coisa numa língua secreta, cheia de vogais e consoantes duras cheias de calma. Igel reflectiu sobre aquela frase secreta, e depois mastigou os seus próprios pensamentos antes de os deitar cá para fora. Então, tal como hoje, sentia-me eternamente perplexo com o modo como as pessoas pensam, com os processos que usam para resolver os quebra-cabeças da vida. Terminada a troca de ideias entre os dois, Igel reatou o seu estudo do horizonte.

— Virás esta tarde comigo e com Luchóg — informou-me Smaolach com um piscar de olho conspiratório. — Vamos mostrar-te a configuração do terreno nesta região assim que os outros regressem.

— É melhor agasalhares-te — aconselhou Igel. — Esta chuva vai mudar em breve.

Obedecendo à deixa, os primeiros flocos de neve começaram a misturar-se com as gotas de chuva, e passados minutos começou a cair uma neve pesada. Ainda estávamos sentados nos nossos lugares quando o grupo de fadas serpenteou de regresso ao acampamento, acochado no regresso pela súbita inclemência do tempo. O Inverno chegava por vezes cedo à nossa parte do país, mas não era hábito termos neve até depois do Natal. Enquanto a borrasca soprava, perguntei pela primeira vez a mim próprio se o Natal já teria passado, ou talvez pelo menos o Dia de Acção de Graças, e com toda a certeza o Dia das Bruxas. Pensei na minha família, ainda todos os dias à minha procura na floresta. Talvez me julgassem morto, e esse pensamento fez-me sentir pena e desejar que fosse possível enviar-lhes uma mensagem a propósito do meu bem-estar.

Em casa, a mãe estaria a desencaixotar enfeites, a armar o presépio, a colocar grinaldas no corrimão da escada. No Natal anterior, o meu pai tinha-me levado a cortar um pequeno abeto para levar para casa, e senti vontade de saber se ele agora estaria triste, sem me ter a seu lado a ajudá-lo a escolher a árvore certa. Até sentia falta das minhas irmãs mais novas. Já

andariam, já falariam, já sonhariam com o Pai Natal, interrogando-se sobre o que me teria acontecido?

— Que dia é hoje? — perguntei a Luchóg enquanto ele vestia uma roupa mais quente.

Ele lambeu o dedo e ergueu-o contra o vento.

— Terça-feira?

— Não, quero saber o dia do ano. O dia do mês.

— Não faço ideia. Ajuizando pelos sinais, pode ser o fim de Novembro ou o princípio de Dezembro. Mas a memória é uma coisa cheia de manhas e pouco fiável no que toca ao tempo ou ao clima.

Afinal o Natal ainda não passara. Decidi vigiar os dias daí em diante, e celebrar a estação de um modo apropriado, mesmo que os restantes não se importassem com feriados e coisas do género.

— Sabes onde posso arranjar papel e lápis?

Ele lutava com as botas.

— E para que queres tu essas coisas?

— Quero fazer um calendário.

— Um calendário? Ora, irias precisar de uma fatura de papel e duma quantidade de lápis para manter aqui um calendário. Eu ensino-te a observar o Sol no céu e a reparar nas coisas vivas. Através delas saberás do tempo o suficiente.

— Mas e se eu quiser fazer um desenho ou escrever uma nota para alguém?

Luchóg puxou o fecho do casaco.

— Escrever? A quem? A maior parte de nós já esqueceu por completo como se escreve e os que não esqueceram nunca chegaram a aprender. É melhor dizer o que se tem a dizer em vez de assentar mais ou menos permanentemente o que se pensa ou sente. Esse caminho leva ao perigo, pequeno tesouro.

— Mas eu gosto de desenhar.

Começámos a atravessar a clareira, dirigindo-nos para onde Smaolach e Igel estavam em pé como duas árvores altas, a conferenciar. Como Luchóg era o mais pequeno de todos nós, tinha dificuldade em acompanhar o meu passo. Saltitando ao meu lado, prosseguiu a sua dissertação.

— Com que então, és um artista? Não tens lápis nem papel? Sabias que os artistas de antigamente faziam os seus próprios papéis e penas? De peles de animais e penas de ave. E tinta, de fuligem e cuspo. Era o que faziam, e há mais tempo ainda raspavam pedras. Eu ensino-te a deixar a tua marca, e também te arranjarei papel, se quiseres, mas a seu tempo.

Quando chegámos junto do chefe, Igel deu-me uma palmada no ombro e disse:

— Ganhaste a minha confiança, Aniday. Escuta e obedece a estes dois.

Luchóg, Smaolach e eu partimos para o interior da floresta, e olhei para trás, para dizer adeus. As outras fadas estavam sentadas em grupos, amontoadas contra o frio, e deixavam-se cobrir pela neve, estóicos loucos e expostos.

Fiquei entusiasmado por sair daquele acampamento, mas os meus companheiros fizeram o seu melhor para controlar a minha curiosidade. Deixaram-me andar aos tropeções pelos trilhos, durante algum tempo, até que a minha inépcia espantou um bando de pombos dos seus poleiros. As aves explodiram pelo ar fora, numa confusão de pios e penas. Smaolach pôs um dedo sobre os lábios, e eu compreendi. Copiando os movimentos deles, os meus tornaram-se quase tão graciosos, e avançámos tão silenciosamente que a neve a cair fazia mais barulho do que os nossos passos. O silêncio tem a sua própria sedução e graça, espevitando todos os sentidos, em especial a audição. Se um graveto estalasse na distância, Smaolach e Luchóg inclinariam de imediato as cabeças na direcção do som e identificariam a sua causa. Mostraram-me as coisas escondidas que o silêncio revelava: um faisão que esticava o pescoço para nos espiar de uma mata, um corvo que saltava de ramo em ramo, um guaxinim que ressonava na sua toca. Antes que a luz do dia desaparecesse por completo, calcorreámos os terrenos húmidos até chegar à margem suja do rio. Cristais de gelo cresciam ao longo da borda de água e, escutando com atenção, ouvimos os estalidos da congelação. Um pato solitário dava às patas rio abaixo, e cada floco de neve que atingia a superfície da água silvava. A luz do Sol desvaneceu-se como um suspiro e desapareceu.

— Escuta — Smaolach susteve a respiração — isto.

E de imediato a neve transformou-se em saraiva, que estalejava de encontro às folhas caídas, pedras e ramos molhados, uma sinfonia miniatural do mundo natural. Afastámo-nos do rio e abrigámo-nos num bosque de perenifólias. Gelo encerrava cada uma das agulhas num envoltório translúcido. Luchóg puxou por uma bolsa de couro que pendia de um cordão que trazia em torno do pescoço, retirando dela primeiro um papel minúsculo e depois uma volumosa pitada de fibras secas e castanhas, de um tipo qualquer de erva, que se assemelhavam a tabaco. Com dedos hábeis e uma lambidela rápida, enrolou um cigarro fino. De outra secção da bolsa extraiu vários fósforos de madeira, contou-os sobre a palma da mão e devolveu todos menos um ao compartimento à prova de água. Raspou no fósforo com a unha do polegar, fazendo-o rebentar numa chama que aplicou à ponta do cigarro. Smaolach tinha escavado um buraco suficientemente fundo para atingir uma camada seca de agulhas e pinhas. Tirando com cuidado

o fósforo que ardia dos dedos do amigo, pô-lo na concavidade e em breve tínhamos uma fogueira para torrar as palmas e os dedos das mãos. Luchóg passou o cigarro a Smaolach, o qual sugou um grande trago e manteve o fumo na boca durante muito tempo. Quando por fim exalou, o efeito foi tão súbito e intenso como o remate de uma piada.

— Dá uma passa ao rapaz — sugeriu Smaolach.

— Não sei como se fuma.

— Faz como eu — disse Luchóg através dos dentes cerrados. — Mas faça o que fizeres, não digas nada sobre isto a Igel. Não fales disto a ninguém.

Puxei um trago do cigarro incandescente e desatei a tossir e a lançar perdigotos por causa do fumo. Os outros puseram-se aos risinhos e continuaram a rir-se bem depois de ter sido inalado o último resto de fumo. O ar por baixo dos ramos das perenifólias estava pesado, cheio de um perfume estranho que fazia sentir-me tonto, com a cabeça leve e um pouco nauseado. Luchóg e Smaolach caíram presas do mesmo feitiço, mas limitaram-se a parecer satisfeitos, ao mesmo tempo alerta e em paz. A saraivada começou a diminuir, e o silêncio regressou como um amigo perdido.

— Ouviste aquilo?

— Que é? — perguntei.

Luchóg fez-me calar.

— Primeiro escuta para ver se ouves. — Um momento mais tarde o som veio até mim, e embora fosse familiar, a sua substância e origem confundiram-me.

Luchóg pôs-se em pé de um salto e acotovelou o amigo.

— É um carro, pequeno tesouro. Já alguma vez perseguiste um automóvel?

Abanei a cabeça, pensando que ele devia estar a confundir-me com um cão. Os meus dois companheiros pegaram-me nas mãos e arrancámos, correndo mais depressa do que eu alguma vez imaginei ser possível. O mundo zumbia aos nossos ouvidos, com manchas e borrões de escuridão onde antes tinham estado árvores. A lama e a neve saltavam, sarapintando-nos as calças enquanto corríamos a um ritmo incrivelmente vertiginoso. Quando a vegetação se tornou mais espessa, largaram-me as mãos e corremos pelo trilho uns atrás dos outros. Ramos bateram-me na cara, e tropecei e caí no chão húmido. Lutando por me pôr em pé, reparei que estava só pela primeira vez em meses. O medo apoderou-se de mim, e abri os olhos e os ouvidos ao mundo, desesperado por encontrar os meus amigos. Intensas dores de concentração surgiram-me na testa, mas persisti e ouvi-os a correr pela neve à distância. Senti uma magia nova e poderosa nos sentidos, pois conseguia vê-los claramente ao mesmo tempo que compreendia que

deviam estar demasiado adiantados e fora da vista. Visualizando o caminho, dei-lhes caça, e as árvores e ramos que me tinham confundido antes pareciam agora não constituir obstáculos. Precipitei-me pelos bosques do mesmo modo que uma andorinha voa através duma cerca, sem um pensamento, dobrando as asas no momento certo e deslizando pela abertura.

Quando os apanhei, vi que estavam em pé, atrás dos pinheiros ásperos junto à orla da floresta. À nossa frente estendia-se uma estrada, e nessa estrada tinha parado um carro, com os faróis a lançar raios sobre a escuridão brumosa, bocados partidos da grelha metálica cintilando no asfalto. Pela porta aberta do condutor, via-se uma luz ténue a brilhar na cabina vazia. A anomalia do carro puxava-me, mas os braços fortes dos meus amigos mantinham-me onde estava. Uma figura emergiu da escuridão e caminhou para a luz, uma mulher jovem e esguia com um casaco vermelho vivo. Trazia uma mão assente na testa e, dobrando-se devagar, estendeu a mão livre, quase tocando uma massa escura que jazia na estrada.

— Bateu num veado — disse Luchóg, com uma nota de tristeza na voz. A mulher angustiava-se por cima da forma prostrada, afastando o cabelo da cara, com a outra mão comprimida contra os lábios.

— Está morto? — perguntei.

— O truque — disse Smaolach numa voz calma — é soprar-lhe para a boca. Ele não está morto, só em choque.

Luchóg segredou-me:

— Esperaremos até que ela se vá embora, e depois podes soprar-lhe.

— Eu?

— Não sabes? És agora uma fada, tal como nós, e podes fazer tudo o que nós fazemos.

A ideia subjugou-me. Uma fada? Quis saber de imediato se era verdade; quis testar os meus poderes. Por isso, libertei-me dos meus amigos, aproximando-me do veado a partir das sombras. A mulher estava no meio da estrada solitária, perscrutando nos dois sentidos em busca de outro carro. Não reparou em mim até que eu já lá me encontrava, inclinado sobre o animal, com uma mão sobre o seu flanco morno, o seu pulso sintonizado com o meu. Envolvi o focinho do veado com a mão e soprei para dentro da sua boca quente. Quase de imediato, o animal ergueu a cabeça, afastou-me com um encontrão e ergueu-se oscilando sobre as patas. Por um instante, olhou-me com intensidade; então, como se fosse um pavilhão branco, a sua cauda lançou um aviso e o veado saltou para o interior da noite. Dizer que nós — o animal, a mulher, eu próprio — ficámos surpreendidos por estes desenvolvimentos seria ficar muito aquém da verdade. Ela pareceu desorientada, e por isso sorri-lhe. Nesse momento, os meus camaradas começaram a chamar-me com sonoros assobios.

— Quem és tu? — Ela enrolou-se melhor no casaco vermelho. Ou pelo menos eu pensei que tinham sido essas as palavras, mas a sua voz parecia estranha, como se estivesse a falar através de água. Baixei os olhos para o chão, compreendendo que não sabia a verdadeira resposta. O seu rosto aproximou-se o suficiente para eu detectar o início de um sorriso nos seus lábios e o pálido azul-esverdeado das íris por trás dos óculos. Tinha uns olhos magníficos.

— Temos de ir. — Vinda da escuridão, uma mão agarrou o meu ombro, e Smaolach arrastou-me para os arbustos, deixando-me sem saber bem se não teria sido tudo um sonho. Escondemo-nos numa moita enquanto ela nos procurava, e por fim a mulher desistiu, regressou ao carro e conduziu para longe. Na altura não o sabia, mas ela foi a última pessoa humana que eu encontrei em mais de uma dúzia de anos. Os faróis traseiros ziguezaguearam por sobre as colinas e por entre as árvores até não haver mais nada para ver.

Retirámos para o acampamento num silêncio maldisposto. A meio caminho de casa, Luchóg aconselhou:

— Não podes contar a ninguém o que aconteceu esta noite. Fica longe das pessoas e sê feliz com o que és. — Durante o caminho, criámos uma ficção necessária para explicar a nossa longa ausência, inventámos uma narrativa sobre as águas e as terras bravias e, uma vez contada, a história perdurou. Mas eu nunca esqueci o segredo da mulher de casaco encarnado, e mais tarde, quando comecei a duvidar do mundo superior, a memória daquele encontro vivo e solitário recordava-me de que não era um mito.

• C A P Í T U L O 5 •

**A** vida com a família Day ganhou um padrão tranquilizador. O meu pai saía para o trabalho antes de qualquer de nós se agitar de regresso do sono, e aquela hora de ouro que passava acordado entre a sua saída e a minha caminhada até à escola era um conforto. A minha mãe ao fogão, mexendo papas de aveia ou fritando o pequeno-almoço numa frigideira; as gémeas a explorar a cozinha sobre pés inseguros. As janelas panorâmicas enquadravam e mantinham afastado o mundo exterior. A casa dos Day fora há muito tempo uma quinta e, embora a agricultura tivesse sido abandonada, os seus vestígios permaneciam. Um velho celeiro, cuja tinta vermelha decaíra até um tom de malva-escuro, servia agora de garagem. A vedação de madeira que delimitara a propriedade estava a desfazer-se, uma tábuia de cada vez. O campo, cerca de um acre que em tempos rebentara verde de milho, encontrava-se inculto, transformado num emaranhado de sarças que o pai só se incomodava em cortar uma vez por ano, em Outubro. Os Day tinham sido os primeiros a abandonar a agricultura na região, e os seus vizinhos distantes foram-se-lhes juntando ao longo dos anos, vendendo as quintas e os terrenos a agentes imobiliários. Mas quando eu era criança, aquele lugar era ainda silencioso e solitário.

O truque para crescer é lembrarmo-nos de o fazer. A parte mental de me transformar em Henry Day requeria uma atenção completa a cada detalhe da sua vida, mas não há preparação para a mudança que consiga ter em conta toda a amplidão da história familiar do indivíduo — memórias de festas de aniversário passadas e outras intimidades — que é preciso fingir

recordar. A história é suficientemente simples de fingir; basta ficar por perto de alguém durante tempo suficiente e poderemos pôr-nos em dia com qualquer assunto. Mas outros acidentes e falhas expõem os riscos de assumir uma identidade alheia. Felizmente, era raro termos companhia, pois a velha casa erguia-se isolada num pequeno terreno fora da vila.

Perto do meu primeiro Natal, estava a mãe no andar de cima a tratar dos bebés que choravam e eu a preguiçar junto à lareira, alguém tocou à porta da frente. No alpendre fui encontrar um homem com um chapéu de feltro na mão, e o cheiro de um cigarro recente que se misturava com o aroma vagamente medicinal de óleo para o cabelo. Sorrii ao reconhecer-me de imediato, embora eu nunca o tivesse visto.

— Henry Day — disse. — Tão certo como eu estar vivo.

Eu fiquei parado no limiar da porta, procurando na memória por alguma pista errante de quem poderia ser aquele homem. Ele bateu os calcanhares e fez uma ligeira vénia, após o que passou por mim a passos largos, entrando no vestíbulo e lançando um olhar furtivo para o topo das escadas.

— A tua mãe está? E está decente?

Quase ninguém vinha de visita a meio do dia, excepto, ocasionalmente, as mulheres dos agricultores que viviam por perto ou as mães dos meus colegas da escola que vinham de carro da vila trazendo um bolo fresco e novos mexericos. Enquanto espíamos Henry, não vimos nenhum homem junto à casa, além do pai e do leiteiro.

Ele atirou o chapéu para o aparador e voltou a virar-se para mim.

— Há quanto tempo, Henry? Talvez desde o aniversário da tua mamã? Não pareces ter crescido nem um bocadinho. O teu pai não te alimenta?

Fiquei a olhar para o estranho, sem saber o que dizer.

— Corre pela escada e diz à tua mamã que vim de visita. Vai lá, filho.

— Quem devo dizer que a chama?

— Ora, o teu Tio Charlie, claro está.

— Mas eu não tenho tios.

O homem soltou uma gargalhada; então as suas sobrancelhas enrugaram-se e a boca transformou-se numa linha severa.

— Tu estás bem, meu rapaz? — O homem inclinou-se para me olhar nos olhos. — Ora bem, eu não sou realmente teu tio, filho, sou o mais velho amigo da tua mamã. Podes chamar-me um amigo da família.

A mãe salvou-me ao descer a escada sem ser chamada, e no momento em que viu o estranho, atirou os braços ao ar e correu a abraçá-lo. Aproveitei o reencontro para deslizar para longe.

Foi mau, mas não tão mau como o susto que apanhei algumas semanas mais tarde. Durante aqueles primeiros anos, ainda possuía todos os

meus poderes de criança trocada, e era capaz de ouvir como uma raposa. De qualquer divisão da casa, conseguia espiar o que os meus pais diziam quando julgavam estar sós, e ouvi as suspeitas do meu pai durante uma dessas conversas de travesseiro.

— Notaste ultimamente alguma coisa de estranho no rapaz?

Ela entra na cama a seu lado.

— Estranho?

— Há as cantorias pela casa fora.

— Tem uma voz adorável.

— E aqueles dedos.

Olhei para as mãos, e em comparação com os das outras crianças, os meus dedos eram extremamente longos e desproporcionados.

— Acho que ele vai ser um pianista. Billy, devíamos pô-lo em aulas de piano.

— E os dedos dos pés.

Na minha cama, no andar de cima, enrolei os dedos dos pés.

— E parece que não cresceu nem um centímetro, nem engordou um quilo que fosse durante todo o Inverno.

— Ele só precisa de um pouco de sol.

O velho rebola na cama, virando-se para ela.

— Tudo o que sei é que é um rapaz esquisito.

— Billy... pára.

Decidi naquela noite transformar-me num rapaz verdadeiro e começar a prestar mais atenção a como poderia ser considerado normal. Uma vez o erro cometido, nada havia a fazer. Já não podia encurtar os dedos das mãos e dos pés, atraindo assim mais cepticismo, mas podia esticar o resto do meu corpo um pouco todas as noites, acompanhando o crescimento das outras crianças. E também fiz questão de evitar o pai tanto quanto possível.

A ideia do piano interessou-me como uma forma de cair nas graças da minha mãe. Quando não escutava os cantores românticos na rádio, por vezes ligava para os clássicos, em especial ao domingo. Bach punha-me a cabeça a girar com fantasias soterradas, conjurando um eco do passado distante. Mas tinha de descobrir uma maneira de mencionar o meu interesse sem que a mãe compreendesse que as suas conversas privadas podiam ser ouvidas, por mais silenciosas e íntimas que fossem. Felizmente, as gémeas forneceram a resposta. No Natal, os avós, que viviam longe, enviaram-lhes um piano de brincar. Não era maior do que uma cesta de pão, produzia uma minúscula oitava de notas, e desde o dia de ano novo que as teclas tinham vindo a ganhar uma manta de pó. Recuperei o brinquedo e sentei-me no quarto das bebés, tocando melodias quase reconhecíveis com base em me-

mórias distantes. As minhas irmãs, como era hábito, ficaram encantadas e sentaram-se quietas como duas praticantes de yoga em transe enquanto eu testava a memória no alcance limitado do piano. Com um pano de pó na mão, a minha mãe aproximou-se e ficou à porta, ouvindo com atenção. Pelo canto do olho, observei-a a observar-me, e quando terminei com um floreado, o seu aplauso não foi completamente inesperado.

No fugaz intervalo entre os trabalhos de casa e o jantar, apanhei uma espécie de melodia, e gradualmente revelei o meu talento natural, mas ela precisava de mais encorajamento. O meu plano era casual e simples. Como quem não quer a coisa, revelei o facto de meia dúzia dos miúdos da escola terem aulas de música, quando na verdade não havia mais de um ou dois. Durante viagens de carro, fingia que o painel por baixo da minha janela era um teclado e dedilhava escalas até que o meu pai me ordenava que parasse com isso. Fazia questão de assobiar qualquer coisa familiar, como a Nona Sinfonia de Beethoven, enquanto ajudava a mãe a secar a loiça. Não pedi, esperei o tempo que foi necessário até ela pensar que a ideia era sua. O meu gambito resultou quando, no domingo que antecedia o oitavo aniversário de Henry, os meus pais me conduziram à cidade para nos reunirmos com um homem que dava lições de piano.

Deixámos as gémeas com os vizinhos, e sentámo-nos os três no banco da frente do cupé do meu pai, embarcando bem cedo, naquela manhã de Primavera, vestidos com as nossas roupas domingueiras. Passámos pela vila onde eu ia à escola, onde íamos às compras e frequentávamos a Missa, e entrámos na auto-estrada em direcção à cidade. Carros brilhantes silvavam asfalto fora, e nós ganhámos velocidade, juntando-nos a uma fila de energia pura que fluía em ambos os sentidos. Viajávamos mais depressa do que eu alguma vez tinha viajado na vida, e eu não punha os pés numa cidade havia quase cem anos. Billy conduziu o De Soto de 49 como a um velho amigo, com uma mão no volante e o braço livre a repousar nas costas do banco, atrás da minha mãe e de mim. O velho conquistador olhava-nos do eixo do volante, e quando o pai fez uma curva, os olhos do explorador pareceram seguir-nos.

No trajecto que seguíamos para a cidade, as fábricas dos arredores surgiam primeiro, grandes chaminés a exalar torrentes de nuvens negras, fornalhas no interior a brilhar com corações de fogo. Uma curva na estrada... e de súbito uma paisagem de edifícios estendia-se até aos céus. O tamanho da Baixa deixou-me sem fala, e quanto mais nos aproximávamos, mais alto pairava, até que de repente nos encontrámos nas ruas sufocadas de carros. As sombras aprofundaram-se e escureceram. Num cruzamento, um troleicarro avançou, gemendo, com o trólei a disparar faíscas para os cabos que pairavam acima dele. As suas portas abriram-se como um fole

e delas jorrou uma multidão trajando casacos e chapéus primaveris, que parou, numa ilha de betão no meio da rua, à espera que o semáforo mudasse. Nas montras dos armazéns, os reflexos dos compradores e dos polícias sinaleiros misturavam-se com a exibição de novos produtos: vestidos de mulher ou fatos de homem em manequins que de início me enganaram, parecendo pessoas vivas em poses absolutamente imóveis.

— Não percebo porque é que sentes a necessidade de vir mesmo até à Baixa por causa disto. Bem sabes que não gosto de vir à cidade. Nunca hei-de arranjar lugar para estacionar.

O braço direito da mãe saltou.

— Ali está um lugar. Não temos tanta sorte?

Enquanto subíamos no elevador, o meu pai tirou um Camel do bolso do casaco, e quando as portas se abriram no quinto andar, acendeu-o. Estávamos alguns minutos adiantados, e enquanto os adultos debatiam se haviam de entrar ou não, eu dirigi-me à porta e entrei. O Sr. Martin talvez não fosse uma fada, mas tinha um aspecto bastante curioso. Alto e magro, com o cabelo branco comprido com um corte de rapaz cabeludo, envergava um fato coçado cor de ameixa. Era um Cristóvão dos desenhos do Ursinho Puff, crescido e refinado. Atrás dele estava o mais belo maquinismo que eu alguma vez vira. Lacado, com um acabamento de um negro profundo, o piano de cauda atraía toda a vitalidade do aposento para o seu tampo aberto. Aquelas teclas continham na sua serenidade a possibilidade de todos os sons belos. E eu estava demasiado chocado para responder à primeira pergunta do homem.

— Posso ajudá-lo, meu jovem?

— Chamo-me Henry Day, e estou aqui para aprender tudo o que o senhor sabe.

— Meu querido jovem — respondeu ele com um suspiro —, temo bem que isso seja impossível.

Dirigi-me ao piano e sentei-me no banco. A visão das teclas desbloqueou uma memória distante de um austero instrutor alemão a ordenar-me que apressasse o tempo. Estiquei os dedos, separando-os o máximo que conseguia, testando a minha amplitude, e pousei-as sobre o marfim sem dele extrair um tom accidental. O Sr. Martin deslizou atrás de mim, olhando por cima do meu ombro, estudando as minhas mãos.

— Já tocou alguma vez?

— Há muito tempo...

— Encontre-me o dó médio, Sr. Day.

E eu fi-lo, sem pensar, pressionando uma única tecla com o lado do polegar esquerdo.

Os meus pais entraram na sala, anunciando-se com um pigarreio

bem educado. O Sr. Martin rodopiou sobre os calcanhares e caminhou ao seu encontro, a fim de os cumprimentar. Enquanto apertavam as mãos e faziam as apresentações, eu toquei escalas do meio para fora. As notas do piano despertaram sinapses poderosas, ressuscitando partituras que conhecia de cor. Uma voz na minha cabeça exigia *heissblütig, heissblütig* — mais paixão, mais sentimento.

— Você disse-me que era um principiante.

— E é — respondeu a minha mãe. — Não me parece que ele tenha alguma vez visto um verdadeiro piano.

— Este rapaz é um talento natural.

Para me divertir, saltitei um “Twinkle, Twinkle Little Star” como o tocaria às minhas irmãs. Tive o cuidado de usar só um dedo, como se o piano não passasse de um brinquedo.

— Ele aprendeu aquilo sozinho — disse a mãe. — Num piano minúsculo que se poderia encontrar numa orquestra de fadas. E também canta, canta como um pássaro.

O pai atirou-me um rápido olhar de través. Demasiado ocupado a avaliar a minha mãe, o Sr. Martin não reparou naquela comunicação sem palavras. A minha mãe continuou a tagarelar sobre todos os meus talentos, mas ninguém a escutava. Em compassos demasiado lentos e espaçados, pratiquei o meu Chopin, tão bem disfarçado que nem o Sr. Martin descobriu a melodia.

— Senhor Day, senhora Day, concordo em ensinar o vosso filho. A minha exigência mínima, no entanto, é de seis semanas de lições de uma vez, às quartas-feiras à tarde e aos sábados. Posso ensinar este rapaz. — E então mencionou, numa voz pouco mais alta que um sussurro, o valor dos seus honorários. O meu pai acendeu outro Camel e dirigiu-se à janela.

— Mas pelo vosso filho — ele dirigia-se agora à minha mãe —, por Henry, um músico nato se eu já ouvi algum, por ele, pedirei apenas metade da propina, mas devem comprometer-se por dezasseis semanas. Quatro meses. Veremos quão longe chegaremos.

Eu toquei um “Parabéns a Você” rudimentar. O meu pai acabou o cigarro e deu-me uma palmadinha no ombro, indicando que nos íamos embora. Foi até junto da minha mãe e agarrou-a levemente pela parte carnuda do braço, acima do cotovelo.

— Telefonar-lhe-ei na segunda-feira — disse — às três e meia. Vamos pensar no assunto.

O Sr. Martin fez uma pequena vénia e olhou-me nos olhos.

— Você tem um dom, meu jovem.

Enquanto viajávamos para casa, observei a cidade a recuar e desapparecer no espelho. A mãe tagarelava sem cessar, sonhando com o futuro,

planeando as nossas vidas. Billy, de mãos cerradas sobre o volante, concentra-se na estrada e nada dizia.

— Vou comprar algumas galinhas poedeiras, é isso mesmo. Lembra-te que costumavas dizer que querias transformar a propriedade de novo numa verdadeira quinta? Começarei uma criação de galinhas, e venderemos os ovos, e isso pagará de certeza a conta. E imagina, teremos também ovos frescos todas as manhãs. E o Henry pode ir no autocarro da escola até ao eléctrico e no eléctrico para a cidade. Podes levá-lo ao eléctrico aos sábados?

— Eu podia fazer recados para ganhar o bilhete.

— Vês, Billy, como ele quer aprender? O Sr. Martin disse que ele tem um dom. E é tão refinado. Alguma vez viste na vida uma coisa que se parecesse com aquele piano? Ele deve dar-lhe lustro todos os dias.

O meu pai abriu a janela do seu lado cerca de três centímetros para deixar entrar um rugido de ar fresco.

— Ouviste-o tocar os “Parabéns a Você” como se nunca tivesse feito outra coisa? É o que ele quer; é o que eu quero. Querido.

— Quando praticará ele, Ruth? Até eu sei que é preciso tocar todos os dias, e ainda poderia conseguir pagar lições de piano, mas certamente que não tenho dinheiro para ter um piano em casa.

— Há um piano na escola — disse eu. — Ninguém o usa. Tenho a certeza de que se eu pedisse me deixavam ficar depois de...

— Então e o teu trabalho de casa e esses recados que dizes que vais fazer? Não quero ver as tuas notas a descer.

— Nove vezes nove, oitenta e um. *Separado* escreve-se S-E-P-A-R-A-D-O. Oppenheimer deu-nos a bomba que tratou dos japoneses. A Santíssima Trindade é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e é um mistério sagrado que ninguém consegue descobrir.

— Está bem, Einstein. Podes tentar, mas só durante oito semanas. Só para termos a certeza. E a tua mãe terá de arranjar o dinheiro dos ovos, e tu terás de ajudar a tratar das galinhas. Ensinam-te isso nessa tua escola?

Ruth estudou o rosto do marido, com sinais raros de amor e espanto no olhar. Ambos fizeram uns meios sorrisos privados e embaraçados, cujo significado me escapou. Sentado entre os dois, gozei o calor do momento, sem sentir qualquer culpa por não ser o seu filho. E prosseguimos a viagem, a mais feliz das pequenas famílias felizes.

Enquanto atravessávamos uma ponte alta sobre o rio que não ficava longe da nossa casa, surgiu uma agitação ao longo da margem do rio, muito abaixo. Para meu horror, vi uma fila de crianças trocadas a caminhar por uma clareira em fila indiana, confundindo-se com as ár-

vores e arbustos em botão e depois desaparecendo num piscar de olhos. Aquelas estranhas crianças moviam-se como veados. Os meus pais nada notaram, mas ao pensar naquelas criaturas lá em baixo, eu corei e desatei a suar, o que com a mesma rapidez se transformou num arrepio. Que eles ainda existissem alarmava-me, pois já quase os esquecera. Que eles pudessem expor o meu passado punha-me doente, e estive prestes a pedir ao meu pai para parar na berma da estrada. Mas ele acendeu outro cigarro e abriu mais a janela, e o ar fresco aliviou a minha náusea, se bem que não tenha feito o mesmo ao medo.

A mãe quebrou o feitiço.

— Mas o Sr. Martin não nos pediu que nos comprometêssemos por quatro meses?

— Eu telefono-lhe na segunda-feira e tento um acordo. Aliás, vamos tentar dois meses, a princípio. Ver se o rapaz gosta.

Durante os oito anos seguintes tive lições de piano, e foram os tempos mais felizes de todas as minhas vidas. Se chegasse cedo à escola, as freiras de bom grado me deixavam praticar no piano vertical no refeitório. Mais tarde, levaram-me à igreja para aprender órgão, e fui eu o mais jovem organista substituto que a paróquia alguma vez teve. A vida tornou-se ordenada, e a disciplina era uma alegria. Todas as manhãs, a minha mão introduzia-se sob as barrigas mornas das galinhas, recolhendo ovos, e todas as tardes os meus dedos subiam ao teclado, aperfeiçoando a técnica. Às quartas-feiras e aos sábados, a viagem até à cidade revelava-se um tónico, longe da quinta e da família, na civilização. Já não era algo bravio, mas uma criatura de cultura, a caminho de me transformar de novo num virtuoso.

• C A P Í T U L O 6 •



Ao assentar no papel estas recordações dos meus primeiros anos, tão distantes da sua revelação, sou enganado, como todos somos, pelo próprio tempo. Os meus pais, há muito desaparecidos deste mundo, vivem de novo. A mulher do casaco vermelho, encontrada apenas uma vez, perdura mais persistentemente na memória do que o que fiz ontem ou do que saber se comi cardos, mel ou bagas de sabugueiro ao pequeno-almoço. As minhas irmãs, hoje mulheres de meia-idade, são para mim eternas crianças, um par de querubins, pequenos anéis de caracóis, gorduchas e indefesas como crias de animais selvagens. A memória, que tanto confunde a nossa vida consciente com a antecipação e o arrependimento, pode bem ser o nosso único consolo terreno quando o tempo descarrila.

A minha primeira expedição nocturna aos bosques deixou-me exaustito. Enterrei-me sob uma pilha de casacos, cobertores e peles e, por alturas do meio-dia seguinte, ardia em febre. Zanzara trouxe-me uma taça de chá quente e uma tigela de um caldo repugnante, ordenando-me “bebe, bebe, engole isto”. Mas eu não era capaz de dar nem um trago. Fossem quantas fossem as camadas que empilhavam em cima de mim, não conseguia aquecer. Por alturas do crepúsculo, tremia descontroladamente, cheio de arrepios. Os meus dentes rangiam e os ossos doíam-me.

O sono trouxe pesadelos estranhos e terríveis onde tudo parecia acontecer ao mesmo tempo. A minha família invadiu-me os sonhos. De mãos

dadas, estavam de pé, em meio círculo em torno de um buraco no chão, silenciosos como pedras. O meu pai agarra-me pelo tornozelo e puxa-me do buraco onde estava escondido e põe-me no chão. Então volta a estender a mão e puxa as gêmeas pelos tornozelos, e segura-as no ar, com as meninas a soltar risinhos de medo e prazer. E a minha mãe censura-o: “Não sejas tão duro com o rapaz. Onde estiveste, onde estiveste?”

Então estou na estrada, sob a luz que jorra de um velho Ford, o veado inerte sobre o pavimento, com a respiração pouco profunda, e eu sincronizo a minha com os seus ritmos e a mulher do casaco vermelho e olhos verdes-claros diz: “Quem és tu?” E inclina-se para o meu rosto, tomando-me o queixo nas mãos para me beijar nos lábios, e sou de novo um rapaz. Eu. Mas não consigo lembrar-me do meu nome.

Aniday. Uma criança bravia como eu, uma rapariga chamada Mancha, inclina-se para me beijar a testa, e os seus lábios arrefecem-me a pele quente. Atrás dela, as folhas de carvalho transformam-se em mil corvos e levantam voo em simultâneo, afastando-se num grande, retorcido e cantante tornado de asas. O silêncio regressa depois de o ruidoso bando se escapar na direcção do horizonte e a manhã rebenta. Eu dou caça às aves, correndo tão depressa e tão duramente que uma costura se abre na minha pele de ambos os lados e o meu coração tamborila de encontro às costelas, até ser parado pelo mortífero surgimento de um rio turvo de águas negras. Concentrando-me por completo, vejo o lado oposto, e aí, na margem, de mãos dadas em torno de um buraco no chão, estão o meu pai e a minha mãe, a mulher do casaco vermelho, as minhas duas irmãs e o rapaz que não sou eu. Estão imóveis como pedras, como árvores, de olhos fixos na clareira. Se reunir coragem para saltar para a água, talvez os alcance. As águas negras levaram-me uma vez, e por isso fico na margem, chamando numa voz que não pode ser ouvida, com palavras que ninguém pode entender.

**N**ão sei quanto tempo durou o delírio da febre. Uma noite, um dia ou dois, uma semana, um ano? Mais tempo? Quando acordei sob um céu húmido cor de aço, senti-me confortável e seguro, embora os braços e as pernas me palpitassem, rígidos, e sentisse as entranhas ásperas e ocas. Enquanto cuidavam de mim, Ragno e Zanzara jogavam às cartas, usando a minha barriga como mesa. O seu jogo desafiava a lógica, pois não tinham conseguido surripiar um baralho completo. Misturando restos de muitos baralhos diferentes, acabaram com quase cem cartas. Cada um segurava uma mão-cheia, e as restantes estavam num monte sobre o meu estômago.

— Tens alguma quina? — perguntou Ragno.

Zanzara coçou a cabeça.

Erguendo cinco dedos, Ragno gritou-lhe:

— Quina, quina.

— Vai pescar.

E foi o que ele fez, virando carta após carta até encontrar um par, que ergueu em triunfo antes de ceder a vez a Zanzara.

— És um batoteiro, Ragno.

— E tu és uma sanguessuga.

Eu tossi, dando a conhecer o facto de estar consciente.

— Eh, olha, o miúdo, ele acordou.

Zanzara pôs a sua mão pegajosa na minha testa.

— Já te arranjo qualquer coisa para comer. Talvez uma chávena de chá?

— Estiveste a dormir durante muito tempo, miúdo. É o que se arranja por sair com aqueles rapazes. Aquelles rapazes irlandeses não prestam.

Perscrutei o acampamento em busca dos meus amigos, mas como era hábito ao meio-dia, andavam todos por fora.

— Que dia é hoje? — perguntei.

Zanzara deitou a língua de fora, saboreando o ar.

— Eu diria que é terça-feira.

— Não, refiro-me ao dia do mês.

— Miúdo, eu nem tenho a certeza do mês em que estamos.

Ragno interrompeu:

— Deve vir aí a Primavera. Os dias vão crescendo, centímetro a centímetro.

— Perdi o Natal? — Senti saudades de casa pela primeira vez em muito tempo.

Os rapazes encolheram os ombros.

— Perdi o Pai Natal?

— Quem é esse?

— Como é que eu saio daqui?

Ragno apontou para um caminho ensombrado por duas perenifólias.

— Como é que vou para casa?

Os olhos deles tornaram-se vítreos e, de mãos dadas, pularam para longe. Apeteceu-me chorar, mas as lágrimas não vieram. Uma feroz ventania soprou de oeste, empurrando nuvens negras pelo céu. Aninhado sob os cobertores, observei o dia que mudava, sozinho com os meus problemas, até que os outros chegaram, esvoaçando com o vento. Não me prestaram mais atenção do que a qualquer outra protuberância no chão pela qual se passa todos os dias. Igel pôs uma nova fogueira a arder batendo num bocado de pederneira até que uma faísca pegou na lenha miúda. Duas das

raparigas, Kivi e Blomma, removeram a cobertura da despensa quase vazia e desenterraram a nossa magra comida, esfolando um esquilo parcialmente congelado com um punhado de golpes hábeis dados com uma faca muito afiada. Mancha desfez ervas secas para dentro da nossa velha chaleira e encheu-a de água vinda de uma cisterna. Chavisory assou pinhões numa chapa plana. Os rapazes que não estavam atarefados com a cozinha tiraram os sapatos e botas molhados, trocando-os pelo calçado usado no dia anterior, que agora estava seco e duro. Toda esta rotina doméstica se desenrolava sem reboliço e com poucas conversas; tinham transformado a preparação para a noite numa ciência. Enquanto o esquilo assava num espeto, Smaolach veio verificar como eu estava, e mostrou-se surpreendido por me ver acordado e alerta.

— Aniday, voltaste dos mortos.

Pegou-me na mão, puxando até me pôr em pé. Abraçámo-nos, mas ele apertou-me com tanta força que os flancos me doeram. Com um braço sobre o meu ombro, levou-me para junto da fogueira, onde algumas das fadas me saudaram com expressões de espanto e alívio. Béka concedeu-me um sorrisinho sarcástico e apático, e Igel encolheu os ombros perante o meu olá e continuou à espera de ser servido, de braços cruzados sobre o peito. Dedicámo-nos ao esquilo e aos pinhões, refeição que mal refreava os roncões de fome de todo o grupo. Depois das primeiras dentadas na carne fibrosa, empurrei para longe o meu prato de estanho. A luz da fogueira fazia todas as caras brilhar, e a gordura nos lábios fazia os sorrisos cintilar.

Depois do jantar, Luchóg acenou-me que me aproximasse e segredou-me ao ouvido que tinha escondido uma surpresa para mim. Afastámo-nos do acampamento, com os últimos raios da luz rosada do Sol a iluminar o caminho. Quatro pequenos envelopes encontravam-se presos entre duas grandes pedras.

— Pega neles — grunhiu, com a pedra de cima a pesar-lhe nos braços, e eu agarrei as cartas antes que ele deixasse cair o pedregulho com um ruído surdo. Enfiando a mão na camisa, Luchóg extraiu da sua bolsa privada o toco afiado de um lápis, que me apresentou com a modéstia apropriada. — Feliz Natal, pequeno tesouro. Uma coisinha para começares.

— Então é hoje o Natal?

Luchóg olhou em volta para ver se alguém estava à escuta.

— Não o perdeste.

— Feliz Natal — disse eu. E rasguei os presentes para os abrir, arruinando os preciosos envelopes. Ao longo dos anos, perdi duas das quatro cartas, mas não eram assim tão valiosas em si mesmas. Uma era um talão de hipoteca com o pagamento incluído e, perante as súplicas de Luchóg,

dei-lhe o cheque para que o usasse para enrolar os seus cigarros. A outra correspondência perdida era uma carta raivosa dirigida ao editor do jornal local, denunciando Harry Truman. Enchia o papel dos dois lados com uma caligrafia difícil de decifrar que corria de margem a margem, e esse papel mostrou-se inútil. As outras duas tinham muito mais espaço em branco e, numa delas, as linhas estavam tão espaçadas que fui capaz de escrever nos intervalos.

2 Fev. 1950

*Querido,*

*A outra noite significou tanto para mim que não compreendo porque não telefonaste ou escreveste desde essa noite. Estou confusa. Disseste que me amavas, e eu também te amo, mas mesmo assim não respondeste às minhas últimas três cartas e ninguém atende o telefone da tua casa ou até do teu emprego. Não é meu hábito fazer o que fizemos no carro, mas fiz porque me amavas e estavas com tantas dores e em tão grande agonia como me disseste tantas vezes. Quero que saibas que não sou uma dessas raparigas. Sou uma rapariga que te ama e uma rapariga que também espera que um cavalheiro se comporte como um cavalheiro. Por favor responde-me ou melhor ainda telefona-me. Estou mais confusa do que zangada, mas ficarei furiosa se não ouvir nada de ti.*

*Amo-te, sabias?*

*Com amor,  
Martha*

Na altura, vi nesta carta a mais verdadeira expressão de um amor verdadeiro que alguma vez conhecera. Era difícil de ler, pois Martha escrevia à mão, mas felizmente usava letras grandes que se assemelhavam a letras de imprensa. A segunda carta desconcertou-me mais do que a primeira, mas também ela usava só três quartos da frente da página.

2/3/50

*Queridos Mãe e Pai,*

*As palavras não chegam para começar a exprimir o desgosto e os pensamentos que vos envio perante a perda da querida Nana. Ela era uma mulher boa e amável, e está agora num lugar melhor. Lamento não poder ir a casa, mas não tenho dinheiro suficiente para a viagem. Por isso, tenho de partilhar todo o meu sentido desgosto através desta insuficiente carta.*

*O Inverno encaminha-se para um fim frio e infeliz. A vida não é justa, pois vocês perderam a Nana, e eu, quase tudo.*

*O Vosso Filho*

Quando souberam das duas mensagens, as raparigas no acampamento insistiram para que fossem lidas em voz alta. Estavam curiosas não só com a sua substância, mas também acerca da minha declarada literacia, dado que já quase ninguém no acampamento se preocupava em ler ou escrever. Alguns não tinham aprendido, e outros tinham escolhido esquecer. Sentámo-nos em anel em torno da fogueira, e eu li as cartas o melhor que consegui, sem compreender por inteiro todas as palavras ou decifrar os seus significados.

— Que pensam do Querido? — perguntou a Mancha ao grupo depois de eu terminar a leitura.

— É um canalha, um homem reles — disse a Cebolas.

Kivi empurrou para trás os seus caracóis louros e suspirou, com o rosto a brilhar à luz do fogo.

— Não percebo porque é que o Querido não escreve à Martha, mas isso não é nada comparado com os problemas de O Vosso Filho.

— Sim — disse Chavisory —, talvez O Vosso Filho e Martha devam casar-se, e então viveriam ambos felizes para sempre.

— Bem, eu espero que a Mãe e o Pai encontrem a Nana — acrescentou Blomma.

Aquela conversa desconcertante fluiu pela noite dentro. As fadas fabricavam ficções poéticas acerca do mundo exterior. Os mistérios das suas simpatias, preocupações e desgostos deixavam-me perplexo, mas as raparigas possuíam uma fonte inesgotável de empatia por assuntos que estavam fora da nossa experiência. No entanto, eu sentia-me ansioso por que elas se fossem embora, para que pudesse treinar a escrita. Mas as raparigas foram-se deixando ficar até que a fogueira se transformou em brasas; então aninharam-se juntas sob as cobertas, onde prosseguiram a discussão, reflectindo sobre o destino dos escritores, as suas pessoas e aqueles que pretendiam que os lessem. Ia ter de esperar para usar as páginas. A noite trouxe um frio intenso, e em breve estávamos os doze amontoados num emaranhado de membros. Quando o último se contorceu para baixo dos cobertores, lembrei-me de súbito do dia em que estávamos. “Feliz Natal!”, disse, mas a saudação só me trouxe irrisão: “Cala-te!” e “Vê se dormes”. Durante as longas horas de antes da madrugada, um pé atingiu-me no queixo, um cotovelo bateu-me nas virilhas, e um joelho esmagou-se de encontro às minhas doridas costelas. Num canto escuro do amontoado, uma rapariga gemeu quando Béka lhe trepou para cima.

Suportando os seus ruídos regulares, esperei pela manhã, com as cartas bem seguras contra o peito.

O Sol nascente reflectiu-se numa camada de altos cirros, colorindo-os com um espectro que começava em tons brilhantes na ponta leste e se ia desvanecendo em tons pastel. Ramos das árvores quebravam o céu em fragmentos, como um caleidoscópio. Quando o Sol rubro se ergueu, o padrão foi mudando de tonalidade até tudo se dissipar em azul e branco. A pé, e fora da cama, saboreei a luz que se tornou forte o suficiente para desenhar e escrever. Puxei dos papéis e do lápis, pus uma pedra fria e achatada sobre as pernas e dobrei em quartos a factura da hipoteca. Desenhei uma cruz ao longo das dobras, criando painéis para quatro desenhos. A minha mão sentia o lápis ao mesmo tempo como algo de estranho e familiar. No primeiro painel, criei de memória a minha mãe e o meu pai, as duas bebês e eu próprio, retratos de corpo inteiro alinhados em fila. Quando avalei o trabalho, os desenhos pareceram-me rudes e irregulares, e fiquei desiludido comigo mesmo. No painel seguinte, desenhei a estrada que passava pela floresta, com o veado, a mulher, o carro, Smaolach e Luchóg no mesmo enquadramento. A luz, por exemplo, era indicada por duas linhas rectas emanadas de um círculo no carro, e que se estendiam até cantos opostos do desenho. O veado mais parecia um cão, e desejei fortemente que o lápis amarelo contivesse uma borracha. No terceiro painel: uma árvore de Natal achatada, sumptuosamente decorada, com uma pilha de presentes espalhados pelo chão. E no último, desenhei a imagem de um rapaz que se afogava. Atado com espirais, afunda-se sob a linha ondulada.

Mais tarde, naquela tarde, quando mostrei o papel a Smaolach, ele pegou-me na mão e fez-me correr com ele até nos escondermos atrás de um maciço bravio de azevinho. Olhou em todas as direcções para se certificar de que estávamos sós; então dobrou cuidadosamente o papel em quartos e devolveu-mo.

— Tens de ter mais cuidado com o que desenhas.

— Qual é o problema?

— Se Igel descobrir, perceberás qual é o problema. Tens de compreender, Aniday, que ele não aceita nenhum contacto com o outro lado e essa mulher...

— A do casaco vermelho?

— Ele tem medo de ser descoberto. — Smaolach agarrou o papel e enfiou-o no bolso do meu casaco. — Há coisas que é melhor guardares para ti — disse, e depois piscou-me o olho e afastou-se, a assobiar.

Escrever revelou-se mais doloroso do que desenhar. Certas letras — B, G, R, W — provocavam-me câibras na mão. Nesses primeiros es-

critos, por vezes o meu K inclinava-se para trás, o S extraviava-se, um F transformava-se acidentalmente num E, e surgiam outros erros que hoje que olho para os meus primeiros anos me divertem, mas na altura a minha letra causava-me grande vergonha e embaraço. Mas piores do que o alfabeto eram as palavras propriamente ditas. Era incapaz de escrever as palavras bem e faltava-me toda a pontuação. O meu vocabulário irritava-me, já para não falar do estilo, dicção, estrutura frásica, variedade, adjectivos e advérbios e de outras coisas desse género. O acto físico de escrever demorava séculos. As frases tinham de ser montadas prego a prego e, uma vez completas, não eram melhores do que uma rude aproximação ao que eu sentia ou queria dizer, uma cerca desolada posta no meio de um terreno branco. Apesar disso, persisti ao longo daquela manhã, escrevendo tudo o que conseguia recordar nas palavras que era capaz de comandar. Pelo meio-dia ambos os lados em branco do papel continham a história do meu rapto e aventuras, bem como as mais vagas memórias da vida antes de chegar àquele lugar. Já tinha esquecido mais do que o que recordava — o meu nome e os nomes das minhas irmãs, a minha querida cama, a escola, os meus livros, qualquer noção do que queria ser quando crescesse. Tudo me seria devolvido a seu tempo, mas sem as cartas de Luchóg teria ficado perdido para sempre. Quando enfiei a última palavra no último espaço disponível, fui à sua procura. Sem papel, a minha missão era encontrar mais.

• C A P Í T U L O 7 •

Com dez anos de idade, comecei a dar espectáculos para pessoas vulgares. Num agradecimento às freiras que me deixaram usar o piano da escola, concordei tocar como prelúdio para o espectáculo anual de Natal. A minha música serviria para atrair os pais aos seus lugares enquanto os filhos removiam casacos e cachecóis de cima dos seus fatos de duendes e reis magos. Eu e o meu professor, o Sr. Martin, escolhemos um programa de Bach, Strauss e Beethoven que terminava com parte das “Seis Pequenas Peças para Piano” em homenagem a Arnold Schoenberg, que falecera no ano anterior. Sentimos que esta última peça “moderna”, embora não fosse conhecida do meu público, era capaz de demonstrar as minhas capacidades sem ser declaradamente ostentosa. Na véspera do espectáculo de Natal, toquei os trinta minutos de programa para as freiras, depois da escola, e com aquela escolha só vi sobrancelhas franzidas e olhares carrancudos por baixo das suas toucas.

— Isso é maravilhoso, Henry, realmente extraordinário — disse a reitora. Era a Madre Superiora do bando de corvos que geria o sítio. — Mas essa última canção...

— A de Schoenberg?

— Sim, muito interessante. — Ela pôs-se de pé, em frente das freiras, e começou a passear para trás e para diante, esquadrinhando o ar em busca de tacto. — Conheces outras coisas?

— Outras coisas, Madre?

— Talvez algo mais apropriado à estação?

- Apropriado à estação, Madre?
- Algo que as pessoas possam conhecer?
- Não tenho a certeza de compreender.

Ela virou-se e dirigiu-se-me directamente.

— Conheces algumas canções de *Natal*? Um hino? Talvez “Noite de Paz”? Ou “Hark! The Herald Angels”... penso que esta é de Mendelssohn. Se és capaz de tocar Beethoven, também consegues tocar Mendelssohn.

- Quer cânticos?

— Não quero só hinos. — Ela retomou o passeio, puxando pelo hábito para baixo. — Podias tocar “Jingle Bells” ou “White Christmas”.

— É do filme *Holiday Inn* — acrescentou uma das outras freiras. — Bing Cosby, Fred Astaire e Marjorie Reynolds. Oh, mas tu és muito novo.

— Viram *Os Sinos de Santa Maria*? — perguntou a professora da terceira classe às outras freiras. — Não acham que ele estava bem nesse filme?

— Eu gostei mesmo foi da *Cidade dos Meninos*... sabem qual é, aquele com o Mickey Rooney?

Fazendo chocalhar as contas do seu rosário, a Madre Superiora interrompeu-as.

- Certamente que conheces algumas canções de Natal?

Abatido, fui para casa naquela noite e aprendi o que elas pretendiam, praticando num teclado recortado em papel pelo meu pai. No espectáculo, na noite seguinte, cortei metade do programa original e acrescentei alguns cânticos no fim. Mantive a peça de Schoenberg, a qual, escusado será dizer, foi um fracasso. Toquei brilhantemente as coisas de Natal e recebi uma ovação ensurdedora. “Cretinos”, murmurei para mim próprio enquanto aceitava a adulação do público. Durante as minhas repetidas vénias, o desprezo sobrepôs-se aos sonoros aplausos e assobios da multidão. Mas depois, ao olhar o mar de rostos, comecei a reconhecer os meus pais e vizinhos, felizes e bem-dispostos, enviando-me o seu sincero apreço pelo calor festivo originado pelas melodias vagamente previsíveis das suas velhas canções favoritas. Não há presente mais bem-vindo do que o presente que se espera. E eu fui ficando despreocupado e entontecido à medida que os aplausos se prolongavam. O meu pai pôs-se em pé, com um sorriso verdadeiro estampado na cara. Quase desmaiei. Quis mais.

O que era magnífico naquela experiência residia no simples facto de que o meu talento musical era um talento humano. Não há pianos nos bosques. E à medida que a minha magia ia diminuindo devagar, as minhas capacidades artísticas aumentavam. Sentia-me cada vez mais afastado daqueles que me tinham acolhido durante cem anos, e a minha única esperança, aquilo por que rezava, era que eles me deixassem em paz. A partir da noite do primeiro espectáculo, era como se estivesse dividido em dois: metade de

mim continuava com o Sr. Martin e a sua ênfase no cânone dos clássicos, insistindo nos velhos compositores até eu ser capaz de martelar como Thor ou fazer as teclas suspirar sob o mais suave dos toques. A outra metade expandia o meu repertório, pensando naquilo que os públicos gostariam de ouvir, como as baladas trauteadas no rádio, que a minha mãe adorava. Adorava quer as fugas de *O Cravo Bem Temperado*, quer “Heart and Soul”, e elas fluíam dos meus dedos sem falhas, mas ser adepto de canções populares permitia-me aceitar trabalhos invulgares quando me eram oferecidos, tocando em bailes escolares e festas de aniversário. O Sr. Martin opôs-se a princípio à bastardização do meu talento, mas eu contei-lhe uma história comovente sobre a necessidade de arranjar dinheiro para as aulas. Baixou de imediato um quarto dos honorários. Com o dinheiro que poupámos, aquele que eu ganhava e o cada vez mais lucrativo negócio de ovos e galinhas da minha mãe, conseguimos comprar um piano vertical usado, para ter em casa a tempo do meu décimo segundo aniversário.

— Que é isto? — perguntou o meu pai quando chegou a casa no dia em que o piano foi instalado, com a sua bela maquinaria encerrada numa caixa de pau-rosa.

— É um piano — respondeu a minha mãe.

— Isso estou eu a ver. Como foi que ele veio cá parar?

— Carregadores de pianos.

Ele tirou um cigarro do maço e acendeu-o num movimento rápido.

— Ruthie, eu sei que alguém o trouxe. Como é que ele aqui *está*?

— É para o Henry. Para que ele pratique.

— Não temos dinheiro para um piano.

— Comprámo-lo. Eu e o Henry.

— Com o dinheiro dos meus espectáculos — acrescentei.

— E as galinhas e os ovos.

— Compraram-no?

— Seguindo os conselhos do Sr. Martin. Para o aniversário do Henry.

— Bem, então feliz aniversário — disse ele, saindo da sala.

Tocava sempre que tinha oportunidade. Durante os anos seguintes, passei horas todos os dias debruçado sobre as teclas, enfeitiçado pela matemática das notas. A música capturava-me como a corrente de um rio que puxasse o meu eu consciente mais para o fundo, para mais perto do meu âmag, como se no mundo não existisse mais do que um único som. Naquele Verão, fiz crescer as pernas uma polegada mais do que o necessário a fim de chegar melhor aos pedais do piano. Pela casa, na escola e na vila, praticava afastando os dedos o mais que podia. As almofadas das pontas dos meus dedos tornaram-se suaves e hipersensíveis. Os meus ombros

dobraram-se para baixo e para a frente. Sonhava em ondas sucessivas de escalas. Quanto mais se aprofundava a minha habilidade e entendimento, mais me apercebia do poder que a fraseologia musical tinha na vida de todos os dias. O truque consiste em levar as pessoas a ouvir os frágeis ritmos e aparentemente insignificantes silêncios entre as notas, a ausência de tom entre os tons. Ao expressar as coisas com uma lógica implacavelmente precisa, é possível tocar — ou dizer — seja o que for. A música ensinou-me um grande autocontrolo.

O meu pai não suportava ouvir-me treinar, talvez por compreender a mestria que eu tinha atingido. Deixava a sala, retirava-se para os cantos mais afastados da casa, ou encontrava uma desculpa para sair. Algumas semanas depois de eu e a mãe termos comprado o piano, chegou a casa com o nosso primeiro televisor, e uma semana mais tarde veio um homem instalar uma antena no telhado. À noite, o meu pai assistia a *You Bet Your Life* ou ao *The Jackie Gleason Show*, ordenando-me para tocar baixo. No entanto, limitava-se com cada vez mais frequência a sair.

- Vou dar uma volta. — Já tinha o chapéu posto.
- Espero que não vás beber.
- Talvez pare para beber um copo com os rapazes.
- Não chegues muito tarde.

Bem depois da meia-noite, entrava a cambalear, cantando ou resmungando para dentro, praguejando quando pisava um dos brinquedos das meninas ou dava uma canelada no banco do piano ao passar. Se o tempo o permitisse, trabalhava ao ar livre durante todo o fim-de-semana, substituindo portadas, pintando a casa, substituindo a vedação da capoeira. Estava ausente do lar, sem vontade de escutar. Com Mary e Elizabeth, fazia de pai extremoso, sempre a baloiçá-las sobre os joelhos, alvoroçando-se com os caracóis e os vestidos, adulando o último desenho primitivo ou cabana feita de paus de gelados, sentando-se à mesa para chás de brincar e coisas do género. Mas comigo agia friamente e, embora eu não seja capaz de ler pensamentos, suspeito que se sentia em conflito com a minha paixão pela música. Talvez sentisse que a arte me corrompia, que fazia de mim menos rapaz. Quando falava, censurava-me por um recado que eu tivesse negligenciado, ou por uma nota menos que perfeita num teste ou num trabalho para a escola.

Um certo sábado, enquanto me conduzia para casa vindo da estação dos troleiros, fez um esforço para contactar comigo e compreender. No rádio, desenrolava-se um jogo de futebol americano entre os Fighting Irish of Notre Dame e a Marinha. Uma das equipas marcou um *touchdown* de forma espectacular.

- Que me dizes àquilo? Ouviste aquilo?

Eu olhei pela janela, tamborilando uma melodia, com a mão direita, no descanso do braço.

— Tu ao menos gostas de futebol?

— Não sei. Não é mau.

— Gostas de algum desporto? Basebol? Basquetebol? Gostavas de ir um dia à caça?

Eu não disse nada. A própria ideia de estar sozinho com Billy Day e uma caçadeira assustava-me. Há demónios nos bosques. Deixámos passar por baixo de nós algumas milhas silenciosas.

— Porque é que não há mais nada além do piano noite e dia?

— Gosto de música. E sou bom.

— Isso é verdade mas, francamente, alguma vez paraste para pensar que podias experimentar outras coisas para variar? Não sabes que a vida é mais do que música?

Se fosse o meu pai verdadeiro, teria ficado desiludido com ele por toda a eternidade. O homem não tinha visão, não tinha paixão pela vida, e eu sentia-me grato por não sermos realmente aparentados. O carro atravessou as sombras das árvores, e o vidro da janela escureceu. Vi o meu próprio reflexo na imagem espelhada do pai de Henry, mas eu só aparentava ser seu descendente. Em tempos há muito idos, tivera um pai verdadeiro. Podia ouvir a sua voz: *“Ich erkenne dich! Du wilst nur meinen Sohn!”* Os seus olhos dançaram loucamente por trás dos óculos de coruja, e então a fantasmagórica memória desapareceu. Senti que Billy Day me observava pelo canto do olho, perguntando a si próprio que diabo se teria passado. Como arranjei um filho assim?

— Acho que começo a gostar de raparigas — informei. Ele sorriu e despenteou-me o cabelo. Acendeu outro Camel, um sinal seguro de que tinha ficado satisfeito com a minha resposta. A minha masculinidade nunca mais voltou à baila.

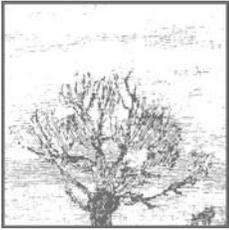
Uma verdade básica tinha escapado por acidente. As raparigas pairavam à superfície de todas as situações. Reparava nelas na escola, lançava-lhes olhadelas na igreja, tocava para elas em todos os espectáculos. Como se saltassem das sombras, as raparigas chegavam e nada ficava igual. Sentia-me apaixonado dez vezes por dia: uma mulher mais velha, talvez com cerca de vinte e cinco anos, num casaco cinzento num canto de rua cinzento; a bibliotecária de cabelos de corvo que vinha comprar uma dúzia de ovos todas as terças-feiras de manhã. Raparigas de rabo-de-cavalo que saltavam à corda. Raparigas com sotaques encantadores. Raparigas com meias curtas e saias rodadas. Na sexta classe, a Tess Wodehouse, tentando esconder o aparelho para os dentes por trás de sorrisos. A Blondie da banda desenhada; Cyd Charisse; Paulette Goddard; Marilyn Monroe. Qualquer pessoa com

curvas. A sedução vai além da aparência, chegando ao modo como emprestam graça ao mundo. Algumas mulheres impulsionam-se por intermédio de um giroscópio interno. Outras deslizam pela vida como que em patins. Algumas mulheres comunicam as suas vidas torturadas pelos olhos; outras envolvem-nos na música das suas gargalhadas. O modo como se ajustam ao que vestem. Ruivas, louras, morenas. Amava-as a todas. Mulheres que namoriscam: onde arranjaste pestanas tão compridas? Deu-me o leiteiro. Raparigas tímidas de mais para dizer uma palavra.

As melhores raparigas, no entanto, eram aquelas que gostavam de música. Praticamente em todas as actuações, eu era capaz de distinguir na multidão aquelas que estavam a ouvir das que se aborreciam de morte ou estavam apenas desinteressadas. As raparigas que não tiravam os olhos de mim enervavam-me, mas pelo menos estavam a ouvir, tal como aquelas que mantinham os olhos fechados e os queixos inclinados, absorvidas pela minha música. Outras raparigas no público limpavam os dentes com as unhas, esgravatavam nos ouvidos com os mindinhos, faziam estalar os dedos, bocejavam sem cobrir as bocas, observavam as outras raparigas (ou os rapazes) ou olhavam para os relógios. Após as actuações, muitos dos assistentes vinham ter comigo para trocar algumas palavras, cumprimentar-me ou ficar um pouco ao meu lado. Estes encontros pós-espectáculo eram muito recompensadores, e eu ficava encantado por receber elogios e responder a perguntas durante tanto tempo quanto podia, enquanto ia retirando as máscaras aos entusiasmos das mulheres e raparigas.

Infelizmente, os concertos e recitais eram poucos e espaçados, e a procura pública pelas minhas apresentações de música clássica em festas e espectáculos foi diminuindo à medida que eu me aproximava da puberdade. Muitos entusiastas tinham-se interessado por um prodígio de dez anos, mas a novidade morreu quando me tornei num adolescente, todo cotovelos e acne. E, para ser honesto, eu próprio estava farto dos exercícios de Hanon e Czerny e do mesmo e insípido estudo de Chopin que preocupava o meu professor ano após ano. Modificando-me uma vez mais, descobri que os velhos poderes recuavam à medida que as hormonas me assolavam. Como que de um dia para o outro, passara de querer ser apenas um rapaz para querer ser um adulto. A meio do meu ano de caloiro no liceu, após meses de introspecção e de uma sombria luta com a minha mãe, percebi de repente que havia uma maneira de conjugar a minha paixão pela música e o meu interesse em raparigas: ia formar uma banda.

• C A P Í T U L O 8 •



— Tenho uma coisa para ti.

Os últimos dias de Inverno penetrante tinham aprisionado todo o bando. Uma tempestade de neve e temperaturas glaciais tinham tornado impossíveis os deslocamentos fora do acampamento. A maior parte de nós passava dia e noite sob as cobertas, numa sonolência provocada pela combinação do frio e da fome.

Mancha estava em pé ao meu lado, sorrindo, com uma surpresa escondida atrás das costas. Uma brisa soprava-lhe o longo cabelo negro sobre o rosto e, com uma mão impaciente, afastou-o como uma cortina.

— Acorda, dorminhoco, e olha o que encontrei.

Mantendo a pele de veado bem enrolada contra o frio, pus-me em pé. Ela apresentou-me um único envelope, cuja brancura contrastava com as suas mãos gretadas. Peguei nele e abri-o, retirando do seu interior um cartão com a imagem de um grande coração vermelho na parte da frente. Distraído, deixei o envelope escorregar para o chão, e ela rapidamente dobrou-se e apanhou-o.

— Olha, Aniday — disse, com os dedos rígidos a trabalhar ao longo das zonas coladas, descolando-as com cuidado. — Se pensasses em abri-lo, terias dois lados de papel... sem mais do que o selo e o endereço na parte da frente e, na parte de trás, uma folha em branco. — Tirou-me o cartão das mãos. — Vês? Podes desenhar na parte da frente e na parte de trás disto, e também lá dentro, à volta destes escritos aqui. — Mancha saltou sobre os

dedos dos pés, na neve, talvez não tanto de alegria como para se proteger do frio. Fiquei sem fala. Ela era geralmente dura como rocha, como se fosse incapaz de suportar a interação com o resto de nós.

— Não tens de quê. Bem podias mostrar-te mais grato. Arrastei-me pela neve para te trazer isso enquanto que tu e todos aqueles palermas estavam confortáveis e aconchegados, passando a dormir o que falta do Inverno.

— Como posso agradecer-te?

— Aquece-me. — Pôs-se ao meu lado e eu abri a pele de veado para que ela se aconchegasse, e ela enrolou-se à minha volta, despertando-me por completo com as suas mãos e braços gelados. Deslizámos para mais perto do grupo que dormia sob a pilha de cobertores e caímos num sono profundo. Acordei na manhã seguinte com a cabeça sobre o seu peito. Mancha tinha um braço em torno de mim, e com a outra mão segurava no cartão. Quando acordou, piscou os olhos cor de esmeralda para dar as boas-vindas à manhã. O seu primeiro pedido foi que eu lesse a mensagem que estava no cartão:

Mas se quando penso em ti, amiga de mim  
As perdas recupero e aos desgostos ponho fim

*Shakespeare, Soneto 30*

Não havia nenhuma outra assinatura, nem um endereço, e quaisquer que tivessem sido os nomes escritos no envelope, tinham sido esborratados até ao esquecimento pela neve húmida.

— Que te parece que isto quer dizer?

— Não sei — disse-lhe. — Quem é Shakespeare? — O nome parecia vagamente familiar.

— A sua amiga faz com que todos os problemas acabem se ele pensar nela.

O Sol ergueu-se acima das copas das árvores, aquecendo o nosso pacífico acampamento. Os sinais sonoros do degelo começaram a ouvir-se: neve que deslizava dos abetos, cristais de gelo que se quebravam, o derreter e gotejar de pingentes de gelo. Quis estar só com o cartão, e o lápis ardia como uma brasa no meu bolso.

— Que é que vais escrever?

— Quero fazer um calendário, mas não sei como. Sabes que dia é hoje?

— Os dias são todos iguais.

— Não tens curiosidade de saber que dia é hoje?

Mancha contorceu-se para dentro do casaco, mandando-me fazer o

mesmo. Levou-me pela clareira até ao ponto mais elevado das imediações do acampamento, uma cumeada que corria ao longo do limite noroeste, uma passagem difícil por uma encosta íngreme de xisto solto. As pernas doíam-me quando chegámos ao cume, e estava sem fôlego. Ela, por outro lado, bateu os pés e disse-me para me calar e escutar. Estávamos quietos e esperávamos. Fora o degelo nas montanhas, havia silêncio.

— Que é suposto que eu ouça?

— Concentra-te — disse ela.

Tentei, mas nada me chegou aos ouvidos, além da gargalhada ocasional de um pica-pau cinzento e do quebrar de galhos e ramos. Encolhi os ombros.

— Tenta com mais força.

Escutei tão intensamente que uma feroz dor de cabeça me bateu no interior do crânio: a respiração regular e descontraída dela, o seu bater de coração e uma vibração rítmica distante que a princípio me pareceu o rascar de uma lima mas em breve tomava um carácter mais firme. Um susurro de velocidades alternadas, um som baixo de salpicos, uma buzina ocasional, pneus sobre o pavimento, e compreendi que estávamos a escutar os sons de tráfego distante.

— Porreiro — disse-lhe. — Carros.

— Presta atenção. O que ouves?

A minha cabeça estava a rachar, mas concentrei-me.

— Montes de carros? — arrisquei.

— Certo. — Ela sorriu. — Montes e montes de carros. O tráfego da manhã.

Ainda não tinha percebido.

— Pessoas que vão para o trabalho. Na cidade. Autocarros escolares e miúdos. Montes de carros na manhã. Isso quer dizer que é um dia de trabalho, não um domingo. Os domingos são sossegados e não há tantos carros a andar.

Ela ergueu o dedo nu ao vento e depois saboreou-o por um instante.

— Acho que é segunda-feira — disse.

— Já tinha visto esse truque. Como é que sabes?

— Todos aqueles carros produzem fumo, e as fábricas produzem fumo. Mas aos domingos não há tantos carros na rua e as fábricas estão fechadas. Quase não se consegue sentir o sabor do fumo. Na segunda-feira, há um pouco mais. Pela sexta-feira à noite, o ar sabe-te como se tivesses a boca cheia de carvão. — Voltou a lambear o dedo. — É de certeza segunda-feira. Agora, dá cá a carta.

Entreguei-lhe o cartão e o envelope, que ela inspeccionou, apontando para o carimbo sobre o selo.

— Lembras-te em que dia é o Dia de São Valentim?

— Catorze de Fevereiro. — Senti-me orgulhoso, como se tivesse dado a resposta certa numa aula de matemática. Surgiu-me de repente a imagem de uma mulher, vestida de preto e branco, a escrever números num quadro.

— Isso mesmo. E vês isto? — Ela apontava para a data no carimbo, que fazia um semicírculo: *SEG 13 FEV '50 AM*. — Isto é quando o teu Shakespeare pôs a carta no correio. Numa Seg. Isso quer dizer que a carimbaram numa segunda-feira de manhã.

— Então hoje é o Dia de São Valentim? Feliz Dia de São Valentim!

— Não, Aniday. Tens de aprender a ler os sinais e compreendê-los. Dedução. Como poderia hoje ser Dia de São Valentim, se é segunda-feira? Como poderíamos nós achar uma carta um dia antes de ser perdida? Se encontrei a carta ontem e hoje é segunda-feira, como podia hoje ser o Dia de São Valentim?

Eu estava confuso e cansado. A cabeça doía-me.

— Treze de Fevereiro foi na segunda-feira passada. Se este cartão tivesse estado perdido durante mais de uma semana, por esta altura já estaria estragado. Encontrei-o ontem e trouxe-o até ti. Ontem foi um dia sossegado — não havia muitos carros — um domingo. Hoje deve ser a segunda-feira seguinte.

Ela fazia-me pôr em dúvida a minha capacidade para pensar.

— É simples. Hoje é segunda-feira, dia 20 de Fevereiro de 1950. Realmente precisas de um calendário. — Esticou a mão, pedindo-me o lápis, que eu lhe entreguei de boa vontade. Nas costas do cartão, desenhou sete quadrados numa fila, que rotulou como D-S-T-Q-Q-S-S, para os dias da semana. Então escreveu os meses do ano numa coluna de um dos lados, e depois, do lado oposto, os números de 1 a 31. Enquanto os desenhava, interrogava-me quanto ao número correcto de dias em cada mês, cantando uma canção familiar para me ajudar a recordar, mas esquecemo-nos dos anos bissextos, o que iria acabar por me fazer perder a sincronia com o tempo. Tirou do bolso três círculos redondos de metal para demonstrar que, se eu quisesse manter um registo do tempo, tudo o que precisava de fazer era mover os discos todas as manhãs para o espaço seguinte no calendário, lembrando-me de recomeçar ao chegar ao fim das semanas e dos meses.

Mancha mostrava-me com frequência aquela que se revelava a resposta óbvia, para a qual ninguém mais tinha a claridade de imaginação e criatividade necessárias. Nesses momentos de perspicácia, os seus olhos fixavam-se em mim e o tremor da sua voz desaparecia. Agora, um único cabelo fugira-lhe, cortando ao meio o seu rosto. Ela juntou a cabeleira com

as mãos rudes e vermelhas, empurrando-a para trás das orelhas, enquanto sorria com o modo como eu a olhava.

— Se alguma vez te esqueceres, Aniday, vem ter comigo. — E afastou-se, através da floresta, pela cumeada e para longe do acampamento, deixando-me só com o meu calendário. Fiquei a espiar a sua figura que progredia por entre as árvores até que se confundiu com o mundo natural. Quando Mancha desapareceu, tudo em que consegui pensar foi na data: 20 de Fevereiro de 1950. Tinha perdido tanto tempo.

Muito abaixo, no acampamento, os outros dormiam sob um tapete de cobertores e peles malcheirosas. Escutando o tráfego e seguindo o som até à sua fonte, eu podia regressar para junto das pessoas, e um daqueles carros certamente pararia e me levaria para casa. O condutor veria um rapaz em pé, na margem da estrada, e pararia na berma à minha frente. Eu esperaria que ela, a mulher do casaco vermelho, viesse salvar-me. Não fugiria; em vez disso, ficaria lá à espera e tentaria não voltar a assustá-la. E ela inclinar-se-ia até ao nível dos meus olhos, afastando o cabelo do rosto. “Quem és tu?” Eu recordaria os rostos dos meus pais e da minha irmã mais nova, diria à mulher com os olhos verdes-claros onde vivia e como chegar a casa. Ela pedir-me-ia para trepar para o carro. Sentado ao seu lado, contar-lhe-ia a minha história, e ela poria a mão em torno da minha nuca, dizendo que tudo ficaria bem. Eu saltaria daquele carro assim que parássemos à frente da minha casa, com a minha mãe a pendurar roupa na corda, e a minha irmã a bambolear na minha direcção no seu vestido amarelo, os braços palpitantes de emoção. “Encontrei o seu rapaz”, diria a mulher, e o meu pai chegaria num carro de bombeiros vermelho. “Andámos à tua procura por todo o lado durante muito tempo.” Mais tarde, depois da galinha frita e dos biscoitos, regressaríamos aos bosques e salvaríamos os meus amigos Smaolach, Luchóg e Mancha, os quais poderiam viver connosco e ir à escola e regressar a casa quentes, são e salvos. Tudo o que tinha a fazer era concentrar-me e seguir os sons da civilização. Olhei o horizonte, até tão longe como possível, mas não vi nenhum sinal. Escutei, mas nada ouvi. Tentei recordar, mas não me conseguia lembrar do meu nome.

Metendo no bolso as três medalhas, virei o calendário e li o Shakespeare em voz alta: “Mas se quando penso em ti, amiga de mim...” As pessoas que dormiam lá em baixo na clareira eram minhas amigas. Puxei pelo lápis e comecei a escrever tudo aquilo de que me lembrava. Muitos anos já passaram entre o então e o agora, e escrevi esta história mais de uma vez, mas aquele foi o começo, sozinho no topo da cumeada. Os meus dedos ficaram rígidos com o frio. Enquanto descia para o acampamento, as mantas chamavam-me com a promessa de sonhos mornos.

Não muito tempo depois do cartão de São Valentim de Mancha, houve outra prenda que me caiu no colo. Luchóg trouxe-a de uma das suas expedições de pirataria, desatando o saco como o Pai Natal junto ao pinheiro.

— E isto, pequeno tesouro, é para ti. O alfa e o ómega dos teus desejos terrenos. Espaço suficiente para todos os teus sonhos. Milagre dos milagres, e além disso seco. Papel.

Entregou-me um bloco de notas preto encadernado, do tipo que os alunos da escola usam para as aulas, com linhas nas páginas para ajudar à colocação das palavras e frases nos locais certos. Na parte da frente lia-se o nome da escola e o título LIVRO PAUTADO DE APONTAMENTOS. Na parte de trás havia uma pequena caixa com o seguinte aviso: *No caso de ataque atómico: feche as persianas, deite-se debaixo da secretária. Não entre em pânico.* Lá dentro, o autor do livro, Thomas McInnes, escrevera o seu nome na folha de rosto. As páginas, desgastadas pelo tempo, estavam cheias com a sua letra virtualmente indecifrável, numa tinta de um castanho ferrugento. Tanto quanto eu conseguia perceber, tratava-se de uma história, ou de parte de uma história, pois na última página a escrita termina no meio duma frase com a misteriosa inscrição *Ver o Outro Livro* escrita na parte de dentro da contracapa. Ao longo dos anos, tentei ler aquela história, mas o seu assunto fugia-me. A beleza que o livro de apontamentos tinha para mim vinha da autocomplacência de McInnes. Escrevera apenas de um lado das oitenta e oito folhas de papel. Virei o livro de pernas para o ar e escrevi a minha contra-história na direcção oposta. Embora aquele diário esteja agora em cinzas, como tantas outras coisas, posso certificar o seu conteúdo: um diário de naturalista, que registava as minhas observações sobre a vida na floresta, completo com desenhos de objectos que encontrei — um diário dos melhores anos da minha vida.

A crónica e o calendário ajudaram-me a seguir a passagem do tempo, que caiu num ritmo fácil. Mantive esperanças durante anos, mas nunca ninguém veio à minha procura. O desgosto permaneceu como uma corrente subterrânea do tempo, mas o desespero ia e vinha como a sombra das nuvens. Naqueles anos misturava-se neles a felicidade que os amigos e companheiros me traziam, e enquanto fui envelhecendo por dentro, um nada casual foi afogando o rapaz.

Na maior parte dos anos, as neves paravam em meio de Março, e durante as semanas seguintes, o gelo derretia, a vida verde brotava, os insectos nasciam, as aves regressavam e os peixes e as rãs aprontavam-se para ser capturados. A Primavera restaurava-nos as energias num instante, e a luz que se alongava correspondia ao nosso interesse na exploração. Atirávamos para longe as peles e cobertores estragados, desfaziamos-nos de casacos e

sapatos. No primeiro dia agradável de Maio, nove de nós íamos até ao rio e banhávamos os nossos corpos fedorentos, afogávamos a bicharada que vivia no nosso cabelo, raspávamos a terra e porcaria secas. Uma vez, Blomma roubou uma barra de sabão de uma estação de serviço, e esfregámo-nos até a transformar numa lasca durante um único banho vivificante. Corpos pálidos numa costa pedregosa, friccionados até ficarem cor-de-rosa e limpos.

Os dentes-de-leão rebentaram, surgindo do nada, as cebolas primavera brotaram nos prados e a nossa Cebolas empanturrrou-se, comendo os bolbos e os caules, manchando de verde os dentes e a boca, tresandando, indolente, até a própria pele começar a deitar um cheiro pungente e agridoce. Luchóg e Smaolach destilaram uma bebida potente dos dentes-de-leão. O meu calendário ajudou a seguir a parada de bagas: morangos em Junho, seguidos por mirtilo, rosmaninho, groselha, sabugueiro e outras. Numa extensão de floresta sobre a cumeeira, a Mancha e eu encontrámos um exército vermelho de framboesas que invadia uma colina, e passámos muitos dias de Julho a colher doçura de entre os espinhos. As amoras silvestres foram as últimas a amadurecer, e fico sempre triste ao ver a primeira tigela de amoras nos nossos repastos nocturnos, pois aquelas jóias negras são um arauto do fim do Verão.

Os comedores de insectos entre nós regozijavam-se com a abundância da estação quente, embora os bichos sejam decididamente um gosto adquirido. Cada uma das fadas tinha os seus peculiares prazeres e técnicas de captura preferidas. Ragno só comia moscas, que arrancava de teias de aranha. Béka era um glutão, apanhando qualquer coisa que rastejasse, voasse, deslizasse ou ziguezagueasse por perto. Era capaz de procurar uma colónia de térmitas num tronco podre, um grupo de lesmas no lodo ou uma carcaça cheia de vermes, e comia aquelas repugnantes criaturas cruas. Sentado pacientemente junto a uma pequena fogueira, apanhava traças em pleno voo com a língua quando voavam demasiado perto do seu rosto. Chavisory era outra notória comedora de bichos, mas pelo menos cozinhava-os. Eu era capaz de tolerar as lagartas ou as rainhas de formigas e térmitas que ela assava sobre uma pedra aquecida até que rebentassem, castanhas e estaladiças como bacon. As pernas dos grilos tendem a prender-se nos dentes, e as formigas, se não forem primeiro assadas, mordem a língua e a garganta no caminho para baixo.

Nunca matara uma criatura viva antes de vir para a floresta, mas nós éramos caçadores-recolectores, e sem um bocado ocasional de proteína na dieta todos sofreríamos. Apanhávamos esquilos, toupeiras, ratos, peixes e aves, embora roubar ovos dos ninhos desse demasiado trabalho. Com qualquer coisa maior — como, por exemplo, um veado morto —, funcionávamos como necrófagos. Não gosto de coisas mortas há muito tempo. No fim

do Verão e no princípio do Outono, em particular, a tribo jantava junta uma desafortunada criatura assada num espeto. Nada é melhor que um coelho sob um céu estrelado. Mas, como Mancha dizia, todos os idílios sucumbem ao desejo.

Há um momento assim no meu quarto ano nos bosques que sobressai acima de todos os outros. Mancha e eu tínhamo-nos afastado do acampamento, e ela mostrava-me o caminho até ao matagal onde as abelhas tinham escondido a sua colmeia. Parámos junto a um velho cornizo cinzento.

— Trepas para ali, Aniday, e lá dentro encontrarás o mais doce dos néctares.

Obedecendo, trepei pelo tronco acima, apesar do zumbido das abelhas, e avancei lentamente em direcção à cavidade. Do meu poleiro nos ramos podia ver o seu rosto virado para cima, de olhos brilhantes de expectativa.

— Continua — gritou ela lá de baixo. — Tem cuidado. Não as enfureças.

A primeira ferroadada sobressaltou-me como se fosse uma alfinetada, a segunda e a terceira causaram dor, mas eu estava determinado. Consegui cheirar o mel antes de o sentir, e consegui senti-lo antes de o ver. Com as mãos e os pulsos inchados do veneno, o rosto e a pele nua marcados de vermelho, caí da pernada sobre o chão da floresta com as mãos cheias de favos de mel. Ela olhou-me, consternada e grata. Fugimos do enxame irritado e livrámo-nos dele numa colina inclinada para o Sol. Deitados na erva nova e longa, sugámos o mel até à última gota e comemos os favos de cera até ficarmos com os lábios, os queixos e as mãos todos peganhentos. Bêbados com o que tínhamos ingerido, com o néctar a pesar-nos nos estômagos, entregámo-nos àquela dor doce. Após lamermos o último resto de mel, ela pôs-se a arrancar os ferrões que permaneciam espetados no meu rosto e mãos, sorrindo a cada estremeamento meu. Quando removeu o último espinho da minha mão, Mancha virou-a e beijou a palma.

— És um idiota tão grande, Aniday. — Mas os olhos traíam as suas palavras, e o sorriso surgiu, breve como um relâmpago, a abrir o céu de Verão.

**O**uve isto. — O meu amigo Oscar punha um disco no gira-discos e baixava a agulha com cuidado. O 45 rotações estalava e silvava; então surgia a linha melódica, seguida pelo *doo-wop* de quatro partes, “Earth Angel”, dos Penguins, ou “Gee”, dos Crows, e ele sentava-se à beira da cama, fechava os olhos e desmontava aquelas harmonias, cantando primeiro o tenor e por aí fora até ao baixo. Ou então punha um novo *riff* de jazz do Miles ou talvez de Dave Brubeck, e apanhava o contraponto, inclinando o ouvido para ouvir o piano, quase inaudível sob os instrumentos de sopro. Passámos horas naquele quarto durante todo o liceu, escutando ociosamente a sua vasta e ecléctica colecção de discos, a analisar e discutir os pontos mais subtis das composições. A paixão que Oscar Love tinha pela música envergonhava as minhas ambições. No liceu chamavam-lhe “O Negro Branco” por ser tão estranho para o resto das pessoas, sempre tão cheio de estilo, tão seguro de si. Oscar era tão inadaptado que me fazia sentir normal por comparação. E embora estivesse um ano adiantado em relação a mim, deu-me as boas-vindas à sua vida. O meu pai achava Oscar menos domesticado do que Brando, mas a minha mãe via para lá da fachada e amava-o como a um filho. Foi ele a primeira pessoa com quem falei sobre formar uma banda.

Oscar ficou comigo desde o início, nos The Henry Day Five, e ao longo de todas as versões: The Henry Day Four, The Four Horsemen, Henry and the Daylights, The Daydreamers e por fim apenas Henry Day. Infelizmente, não conseguimos manter o mesmo grupo junto durante mais

de alguns meses de cada vez: o nosso primeiro baterista largou a escola e alistou-se nos Fuzileiros; o nosso melhor guitarrista afastou-se quando o pai foi transferido para Davenport, no Iowa. A maior parte dos tipos desistiram porque não aguentaram como músicos. Só Oscar e o seu clarinete persistiram. Ficámos juntos por dois motivos: um, ele conseguia tocar um solo bestial em qualquer sopro, em especial na sua querida bengala; dois, ele tinha idade para conduzir e um carro — um Bel Air de 54, vermelho e branco e impecável. Tocávamos em todo o lado, de bailes de liceu a casamentos, e até fazíamos uma noite ou outra em clubes. Escolhendo de ouvido e não por uma qualquer noção preconcebida do que tinha estilo, podíamos tocar qualquer tipo de música para qualquer tipo de público.

Depois de um espectáculo de jazz em que arrasámos mais do que o costume, Oscar levou-nos para casa, com o rádio a berrar e a rapaziada de óptimo humor. Largou os outros e já tarde naquela noite de Verão estacionámos à frente da casa dos meus pais. As mariposas dançavam como loucas na luz dos faróis, e a canção rítmica dos grilos sublinhava o silêncio. As estrelas e uma meia-lua pontilhavam o céu lânguido. Saímos e sentámo-nos no capô do Bel Air, observando a escuridão, sem querer que a noite acabasse.

— Rapaz, estivemos em brasa — disse ele. — Arrasámo-los. Viste aquele tipo, quando tocámos “Hey Now”, que parecia que nunca tinha ouvido um som daqueles?

— “Tou de rastos, pá.

— Oh, tu tiveste tanta pinta, mas tanta pinta.

— Também não estavas mal. — Puxei-me mais para cima no capô, a fim de parar de deslizar para baixo. Os meus pés não chegavam bem ao chão, e fi-los balançar ao ritmo de uma melodia que tinha na cabeça. Oscar tirou o cigarro que tinha escondido atrás da orelha, acendeu-o com um estalido do isqueiro e soprou anéis de fumo para o céu nocturno, fazendo cada um deles quebrar o anterior.

— Onde é que aprendeste a tocar, Day? Quer dizer, ainda és um miúdo. Só tens quinze anos, não é?

— Prática, pá, prática.

Ele desistiu de olhar para as estrelas e virou-se para mim.

— Podes praticar o que quiseres. A prática não te dá alma.

— Tenho tido aulas nos últimos anos. Na cidade. Com um tipo chamado Martin, que tocava com a Filarmónica. Clássicos, e tal. Faz com que seja mais fácil entender a música que está por debaixo de tudo.

— Percebo isso. — Ele entregou-me o cigarro, e eu puxei um grande trago, sabendo que ele misturara nele marijuana.

— Mas às vezes sinto-me partido em dois. Os meus pais querem que

continue a ir às aulas do Sr. Martin. Sabes como é, a sinfónica ou um solista.

— Como o Liberace. — Oscar soltou um risinho.

— Cala-te.

— Mariquinhas.

— Cala-te. — Dei-lhe um murro no ombro.

— Calma, pá. — Ele esfregou o ombro. — Mas podes fazer isso, podes fazer tudo o que quiseres. Eu sou bom, mas tu és de outro mundo. É como se tivesses andado nisto toda a vida, ou como se já tivesses nascido assim.

Talvez tenha sido a droga que me levou a dizê-lo, talvez tenha sido a combinação da noite de Verão, da excitação pós-espectáculo, ou o facto de o Oscar ser o meu primeiro amigo verdadeiro. Ou talvez eu estivesse em pulgas por contar a alguém, fosse a quem fosse.

— Tenho uma confissão a fazer, Oscar. Não sou Henry Day mas um trasgo que viveu nos bosques durante muito, muito tempo.

Ele riu com tanta força que um fiozinho de fumo jorrou das suas narinas.

— A sério, pá, roubámos o Henry Day verdadeiro, raptámo-lo, e eu transformei-me nele. Trocámos de lugar, mas ninguém sabe. Eu estou a viver a vida dele, e suponho que ele esteja a viver a minha. E em tempos, fui outra pessoa, antes de me tornar numa criança trocada. Fui um rapaz na Alemanha, ou noutra sítio onde se fala alemão. Não me lembro, mas uns bocadinhos aparecem-me de vez em quando na cabeça. E toquei piano aí, há muito tempo, antes de as crianças trocadas virem roubar-me. E agora estou de novo entre os humanos e quase não recordo nada do passado, mas é como se fosse em parte o Henry Day e em parte quem era antes. E devo ter sido um músico porreiro nessa altura, porque essa é a única explicação.

— Isso é bem bom, pá. Então o Henry verdadeiro está onde?

— Algures nos bosques. Ou se calhar morto. Ele pode estar morto; às vezes acontece. Mas o mais provável é estar escondido nos bosques.

— Às tantas podia estar a vigiar-nos agora mesmo? — Saltou do carro e sussurrou para a escuridão. — Henry? És tu?

— Cala-te, pá. É possível. Mas eles têm medo das pessoas. Pelo menos isso eu sei.

— Os não sei quantos?

— As crianças trocadas. É por isso que nunca as vemos.

— Porque terão assim tanto medo de nós? Parece-me que nós é que devíamos ter medo deles.

— Costumava ser assim, pá, mas as pessoas deixaram de acreditar em mitos e contos de fadas.

— Então e se o Henry estiver por ali, a vigiar-nos neste mesmo mo-

mento, querendo o seu corpo de volta, e se venha chegando, pá, para te agarrar? — E estendeu o braço com rapidez e agarrou-me o tornozelo.

Gritei, embaraçado por ter sido enganado por uma brincadeira tão simples. Oscar escarrapachou-se sobre o capô do carro, rindo de mim.

— Tens andado a ver demasiados filmes de terror, pá.

— Não, a verdade é... — Soquei-o no braço.

— E há casulos na tua cave, não é?

Quis socá-lo de novo, mas então apercebi-me de como a minha história soava ridícula e comecei também a rir. Não sei se Oscar se lembra daquela noite, mas o certo é que nunca puxou o assunto, e talvez pense que eu estava a alucinar. Arrancou, a cacarejar para dentro, e eu senti-me vazio depois de a verdade ter sido dita. A minha imitação de Henry Day tinha sido tão bem sucedida que ninguém suspeitava da história real. Até o meu pai, céptico por natureza, acreditava em mim, ou pelo menos mantinha as dúvidas enterradas no fundo na alma.

O piso térreo da casa estava tão escuro e silencioso como uma gruta. No primeiro andar, todos dormiam profundamente. Acendi a luz da cozinha e enchi um copo de água. Atraídas para a luz, mariposas adejaram asas e colidiram contra a tela da janela. Guinchavam para cima e para baixo, num som ameaçador e agourento. Apaguei as luzes e elas voaram para longe. Naquela nova escuridão, perscrutei uma sombra que se movesse, escutei em busca de passos por entre as árvores, mas nada se agitava. Deslizei pela escada acima e dirigi-me ao quarto das minhas irmãs.

Quando as raparigas eram pequenas, receei com frequência que Mary e Elizabeth fossem arrebatadas pelos trasgos e que duas crianças trocadas fossem deixadas nos seus lugares. Conhecia os seus costumes, os seus truques e enganos, e também sabia que podiam atacar a mesma família duas ou, na verdade, até três vezes. Não muito longe daqui, segundo reza a história, na década de 1770, a família Church teve sete filhos raptados e trocados por crianças trocadas, um por um, todos aos sete anos, até deixar de haver Churches, só simulacros, e desgraçados daqueles pobres pais com uma prole alheia. As minhas irmãs eram igualmente susceptíveis, e eu procurava as mudanças denunciadoras no comportamento ou aparência — uma simpatia súbita, um certo desapego à vida — que revelariam uma possível troca.

Preveni as gémeas para se manterem longe da floresta ou de lugares sombrios.

— Há cobras, ursos e gatos selvagens perigosos perto do nosso bocado de terra. Não falem com estranhos. Para quê sair para brincar — perguntava — quando há coisas ótimas e interessantes na televisão?

— Mas eu gosto de explorar — disse Elizabeth.

— Como poderemos descobrir o caminho de volta para casa se nunca sairmos de casa? — acrescentou Mary.

— Já viram alguma vez uma cascavel? Bem, eu já vi, e também *copperheads* e trigonocéfalos-d'água. Basta uma mordedura e ficam paralisadas, os vossos membros tornam-se pretos e depois morrem. Julgam que conseguem correr mais depressa ou trepar melhor que um urso? Eles trepam às árvores melhor do que os gatos, e agarravam-vos uma perna e devoravam-vos. Já alguma vez viram um guaxinim a espumar da boca?

— Nunca me deixam ver nada — choramingou Elizabeth.

— Como poderemos chegar a evitar o perigo se não sabemos o que ele é? — perguntou Mary.

— Está lá fora. Podem tropeçar e cair em cima de um velho tronco e partir uma perna e nunca ninguém as encontraria. Ou podem ser apanhadas numa tempestade de neve com o vento a soprar em todas as direcções até que deixam de ser capazes de encontrar até a porta da frente, e depois seriam encontradas na manhã seguinte, congeladas como um sorvete, a menos de dez pés de casa.

— Basta! — gritaram elas em uníssono e afastaram-se para assistir a *Howdy Doodly* ou *Rumper Room*. Mas eu sabia que enquanto estava na escola ou a ensaiar com a banda, elas ignoravam os meus avisos. Chegavam a casa com manchas de relva nos joelhos e nos fundilhos, carrapatos na pele nua, raminhos nos caracóis, rãs nos fatos-macacos e o cheiro do perigo na respiração.

Mas naquela noite eram cordeiros adormecidos, e duas portas mais à frente os meus pais ressonavam. O meu pai chamou pelo meu nome no seu sono, mas não me atrevi a responder-lhe a uma hora tão tardia. A casa ficou sobrenaturalmente sossegada. Tinha contado sem consequências o meu segredo mais sombrio, e assim fui para a cama, tão seguro como sempre.

**D**izem que nunca nos esquecemos do primeiro amor, mas sinto desgosto em admitir que não recordo o seu nome ou muito mais acerca dela — para além de ter sido a primeira rapariga que vi nua. A bem da história, chamar-lhe-ei Sally. Talvez fosse realmente esse o seu nome. Depois do Verão da minha confissão a Oscar, reatei as lições com o Sr. Martin, e lá estava ela. Tinha partido no fim do ano escolar e regressara uma criatura diferente — alguém a ser desejado, um fetiche, uma obsessão. Sou tão culpado de desejo anónimo como qualquer um, mas foi ela que me escolheu. Grato, aceitei o seu afecto sem uma pausa. Já reparava há meses nas suas curvas antes de ela ganhar coragem para falar comigo, no recital de Inverno. Estávamos juntos nos bastidores, envergando os nossos trajes formais, aguentando a

espera pela nossa vez de nos sentarmos ao piano. Os miúdos mais novos tocavam primeiro, pois a agonia é melhor servida como aperitivo.

— Onde aprendeste a tocar? — sussurrou Sally por cima de um minuete dolorosamente lento.

— Mesmo aqui. Quer dizer, com o Sr. Martin.

— O modo como tocas é do outro mundo. — Ela sorriu e, flutuando nos seus comentários, dei o mais inspirado dos meus recitais. Nas semanas e meses que se seguiram, fomo-nos conhecendo lentamente. Ela deixava-se ficar pelo estúdio a ouvir-me tocar a mesma peça uma e outra vez, com o Sr. Martin a murmurar asperamente “Adágio, adágio”. Arranjávamos maneira de almoçar juntos aos sábados. Conversávamos sobre as lições do dia à frente de sanduíches espalhadas por papel encerado. Eu costumava ter nos bolsos alguns dólares provenientes de actuações, e íamos a espectáculos ou parávamos para comer um gelado ou beber um refresco. As nossas conversas centravam-se no tipo de assuntos de que se conversa aos quinze anos: a escola, os amigos, os inacreditáveis dos pais e, no nosso caso, o piano. Ou melhor, eu falava de música: compositores, o Sr. Martin, discos, as afinidades do jazz com os clássicos e todos os tipos de teorias fúteis que tinha. Não era uma conversa, assemelhava-se mais a um monólogo. Não sabia como escutar, como puxar por ela, ou como ficar calado a apreciar a sua companhia. Ela pode bem ter sido uma pessoa adorável.

Quando o Sol começou a aquecer o ar da Primavera, demos um passeio pelo parque, um local que eu geralmente evitava devido à sua semelhança com a floresta. Mas os narcisos estavam em flor, e parecia perfeitamente romântico. O município tinha ligado a fonte, outro sinal de Primavera, e sentámo-nos à borda de água, a observar a cascata durante muito tempo. Não sabia como fazer o que queria fazer, como pedir, o que dizer, ou até de que modo abordar o assunto. Sally salvou-me.

— Henry? — perguntou, com a voz a subir uma oitava. — Henry, temos andado a passear e a almoçar juntos e a ir ao cinema há mais de três meses, e durante todo esse tempo tenho querido saber uma coisa: gostas de mim?

— Claro que sim.

— Se gostas de mim, como dizes, porque é que nunca tentaste pegar-me na mão?

Tomei a sua mão na minha, surpreendido pelo calor dos dedos e pela transpiração da palma.

— E porque é que nunca tentaste beijar-me?

Pela primeira vez, olhei-a bem nos olhos. A sua expressão era como a de alguém que estivesse a tentar exprimir uma qualquer questão metafísica. Sem saber como beijar, fi-lo à pressa, e hoje lamento não me ter demorado

um pouco, quanto mais não fosse para recordar a sensação. Ela passou os dedos pelo meu cabelo cheio de brilhantina, o que originou uma reacção inesperada, e eu copiei-a, mas um mistério infiltrou-se na minha mente. Não tinha nenhuma ideia do que fazer em seguida. Sem a sua súbita descoberta de uma necessidade de apanhar um eléctrico, poderíamos continuar ali sentados, a olhar estupidamente o rosto um do outro. Enquanto regressava até ao ponto de encontro com o meu pai, dissequei as minhas emoções. Embora por aquela altura da minha vida humana “amasse” a minha família, nunca “amara” um estranho. É coisa voluntária e um tremendo risco. A emoção é além disso confundida pelo desejo. Conte as horas entre os sábados, ansioso por vê-la.

Graças a Deus que ela tomou a iniciativa. Enquanto nos abraçávamos no balcão escuro do Teatro Penn, ela agarrou-me na mão e colocou-a sobre o seu seio, e todo o seu corpo se agitou ao sentir o toque. Foi ela quem sugeriu tudo, quem pensou em morder as orelhas, quem esfregou a primeira coxa. Já raramente falávamos quando estávamos juntos, e eu não sabia o que Sally maquinava, ou, na realidade, se pensava de todo. Não admira que amasse a rapariga, fosse qual fosse o seu nome, e quando ela sugeriu que eu simulasse uma doença para me escapar à aula do Sr. Martin, aceitei de bom grado.

Fomos no eléctrico até à casa dos seus pais, na Zona Sul. Ao subir a colina até à sua casa sob o brilho do Sol, comecei a suar, mas Sally, que estava acostumada à caminhada, seguiu saltitando pelo passeio fora, troçando por eu não conseguir acompanhá-la. A sua casa era um minúsculo poleiro, agarrado a um rochedo. Os seus pais estavam fora, assegurou-me ela, numa viagem pelo campo que duraria o dia inteiro.

— Temos a casa para nós. Queres uma limonada?

Ela podia perfeitamente estar a usar um avental e eu a fumar um cachimbo. Ela trouxe as bebidas e sentou-se no sofá. Eu bebi a minha de um trago e sentei-me na poltrona do seu pai. Ficámos sentados; esperámos. Ouvi um estrondo de címbalos com o ouvido da mente.

— Porque não te vens sentar a meu lado, Henry?

Cachorrinho obediente, fui a trote com a cauda a abanar e a língua de fora. Os nossos dedos entrelaçaram-se. Sorri. Ela sorriu. Demos um longo beijo — quão longo pode ser um beijo? A minha mão na sua barriga nua sob a blusa desencadeou uma urgência primordial até aí reprimida. Dei a volta para norte. Ela agarrou-me o pulso.

— Henry, Henry. Isto tudo é demasiado. — Sally arquejou e abanou-se com as mãos trémulas. Eu rolei para longe, enruguei os lábios e soprei. Como podia ter interpretado mal os sinais?

Sally despiu-se tão depressa que quase não notei a transição. Como

que ao premir um botão, saltou blusa e soutien, saltou saia, combinação, meias e roupa interior. Durante todo o acto, fitou-me descaradamente, sorrindo com beatitude. Eu realmente amava-a. Claro que vira imagens no museu, *pin-ups* à Bettie Page e postais franceses, mas às imagens falta amplitude e profundidade e a arte não é vida. Parte de mim empurrava, desesperada por pôr as mãos na sua pele, mas a própria possibilidade refreava-me. Dei um passo na sua direcção.

— Não, não, não. Mostrei-te o meu; agora tens de mostrar-me o teu.

Nunca tinha tirado a roupa em frente de alguém, muito menos um estranho, desde rapazinho, no nadadouro, e a ideia embarçava-me. Mas é difícil recusar quando o pedido é feito por uma rapariga nua. E assim despi-me, observando-a a observar-me durante todo o tempo. Chegara às cuecas quando me apercebi de que ela tinha um pequeno triângulo de pêlos no local onde as pernas se juntavam ao tronco, ao passo que eu era completamente pelado. Com esperança de que aquela condição fosse peculiar à espécie feminina, puxei as cuecas para baixo, e um olhar de horror e desalento atravessou o seu rosto. Ela abriu a boca e pôs a mão à sua frente. Eu olhei para baixo e depois para ela, profundamente perplexo.

— Oh meu Deus, Henry — disse —, pareces um rapazinho.

Cobri-me.

— É a mais pequena que já vi.

Recuperei, zangado, a roupa que estava no chão.

— Desculpa, mas pareces o meu primo de oito anos. — Sally começou a apanhar a sua roupa do chão. — Henry, não te zangues.

Mas eu estava zangado, não tanto com ela como comigo. Entendi o que esquecera assim que ela falou. Na maior parte dos pormenores aparentava por completo os quinze anos, mas negligenciara uma das partes mais importantes. Enquanto me vestia, humilhado, pensei em toda a dor e sofrimento dos últimos anos. Os dentes de leite que arranquei da boca, o esticar e puxar e empurrar de ossos e músculos e pele para crescer até à adolescência. Mas esquecera-me da puberdade. Ela pediu-me para ficar, desculpou-se por se rir de mim, até chegou a dizer que o tamanho não importava, que até era engraçado, mas nada do que poderia ter dito ou feito teria aliviado a minha vergonha. Nunca mais lhe falei, excepto para as saudações mais básicas. Ela desapareceu da minha vida como se tivesse sido roubada, e hoje pergunto a mim mesmo se alguma vez me perdoou ou se esqueceu daquela tarde.

Esticar remediava a minha situação, mas o exercício causava-me dor e provocava consequências inesperadas. A primeira era a sensação curiosa que terminava quase sempre da mesma forma suja, mas mais interessante foi ter descoberto que ao imaginar Sally ou qualquer outra coisa sedutora,

o resultado era uma conclusão precipitada. Mas pensando em coisas desagradáveis — a floresta, basebol, harpejos —, conseguia adiar o desfecho, ou evitá-lo por completo. Relatar a segunda consequência é um pouco mais desconcertante. Talvez porque o chiar das molas da cama começasse a aborrecê-lo, o meu pai entrou uma noite de rompante no meu quarto e apanhou-me digamos que com a mão na massa, embora eu estivesse completamente coberto. Ele desviou os olhos para o tecto.

— Henry, que estás tu a fazer?

Parei. Havia uma explicação inocente que eu não podia revelar.

— Não julgues que eu não sei.

*Não sabe o quê?*, quis perguntar.

— Ficarás cego se continuares com isso.

Pisquei os olhos.

Ele saiu da sala e eu virei-me na cama, pressionando o rosto contra a almofada fria. Os meus poderes diminuíaam com o tempo. A visão ao longe, a audição à distância, a rapidez de corrida... tudo isso tinha desaparecido quase por completo, e a capacidade de manipular a aparência deteriorara-se. Cada vez me transformava mais no ser humano que quisera ser, mas em vez de rejubilar com a situação, afundei-me no colchão, escondi-me sob os lençóis. Soquei a almofada e torturei as mantas num esforço vão para me pôr confortável. Toda a esperança de prazer deu de si juntamente com a erecção. No lugar do prazer, ergueu-se uma solidão esfarrapada. Senti-me preso numa infância infundável, condenado a viver sob o seu controlo, com uma dúzia de sobranceiras franzidas em suspeita pelos meus falsos pais, todos os dias. Na floresta, tivera que acompanhar o tempo e cumprir o meu turno de criança trocada, mas os anos tinham parecido dias. Na ansiedade da adolescência, os dias eram como anos. E as noites podiam não ter fim.

Várias horas mais tarde, acordei coberto de suor e afastei os cobertores. Ao dirigir-me à janela para deixar entrar ar fresco, detectei a labareda vermelha de um cigarro no relvado, por entre as sombras da noite, e vislumbrei o contorno escuro do meu pai, a olhar para a floresta escura como que à espera que alguma coisa saltasse das sombras entre as árvores. Quando se virou para regressar para dentro, o pai olhou para o meu quarto e viu-me, enquadrado pela janela, a observá-lo, mas nunca disse uma palavra sobre isso.